

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

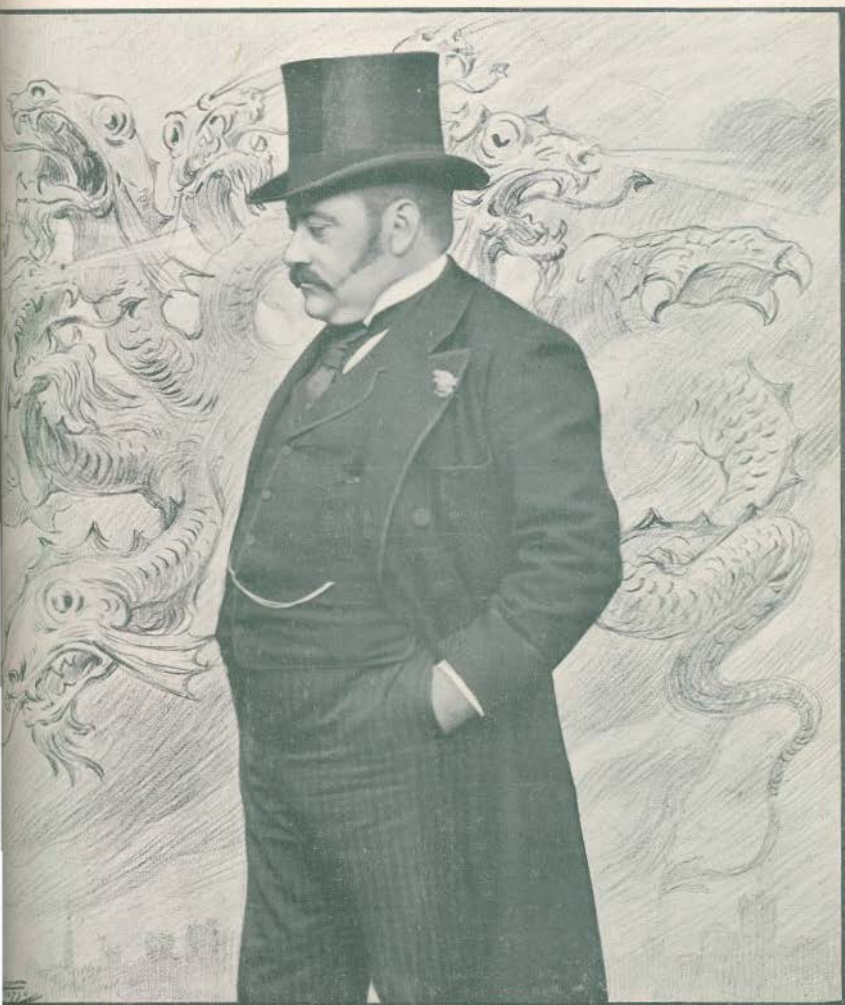
Publicação para Portugal, colónias e Hespanha | Assinatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa

..... 45000 PORTUGAL, COLÓNIAS E HESPAÑHA

..... 25000 Anno 25000 Trimestre 25000

..... 15000 Semestre 45000 Mez (em Lisboa) 700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summário

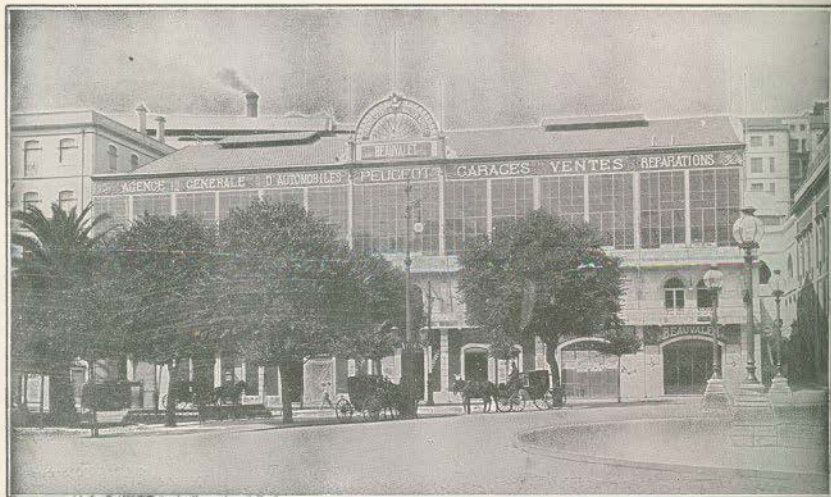
Capa: JUIZ VINGA (cliché da photographia Fernandes) • Texto: OS AMORES DE! D. CARLOTA JOAQUINA, 13 illustr. • OS PTOLOMEUS, 4 illustr. • PORTUGAL CATHOLICO: O MYSTERIO DA RESIGNAÇÃO, 10 illustr. • THEATRO: A REVISTA «O DA GUARDA», NO PRINCEPE REAL, 2 illustr. • AS MARAVILHAS DO RIO DE JANEIRO: AVENIDA À BEIRA-MAR, 2 illustr. • O TUMULO DO PRIOR DO CRATO! D. FREI JOÃO COELHO, 6 illustr. • A GRANDE ORCHESTRA PORTUGUEZA, 1 illustr. • VIDA MILITAR: AS NOVAS VIATURAS MILITARES, 1 illustr. • THEATRO: O «BIBIANO» EM D. MARIA, 1 illustr.

Sensacional!!

As pessoas que desejarem alcançar êxito em todas as fases da vida aproveitem o meio científico positivo que se lhes oferece, consultando o mais celebre chironomante, o **Professor Kendal**, universalmente conhecido e que foi o grande asombro na grandiosa exposição americana «The World's fair». Conquistou igualmente a admiração de muitos chefes de Estado assim como de muitos homens em evidência na política, diplomacia, ciência, artes, etc., pela impecável correção de suas revelações.

Aquelle sabio, que tudo indica por escripto, demonstra com evidente certeza quaes são os defeitos de cada um e que impedem o triumphar dos negocios em que se achem envolvidos, das questões de tribunales, de amor, de doenças, de desastres, de perigos e de inimigos. Prediz, com extraordinaria segurança, qual a carreira que cada um dos seus consulentes deve preferir para se assegurar mais brilhantes resultados, etc. Prediz, finalmente, com assombrosa correção, o futuro de cada um. — **PERFEITO SUCESSO! COMPLETO EXITO!!** — Tudo se trata por correspondencia, tanto para as pessoas da provincia como para as de Lisboa, dando-se assim a estas maior garantia de segredo, que é religiosamente respeitado. Dirigir por carta a **Agencia Kendal**, 28, Rua Augusta, 2.º, e enviando um selo, para a resposta, de 50 réis. Remetter-se-hão na volta do correio todas as informações sobre o modo como se obtém a consulta, preços, etc.

A mais importante casa de AUTOMOVEIS em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.ª Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

Só não tem cabelo nem barba quem quer!!! **Fazemos nascer** cabelo aos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias. Garante-se que não é nocivo.

**** REMETTE-SE COM TODA A DISCREÇÃO ****
Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, deve-nos a barba bonita e o cabelo abundante.

Temos levado com o nosso **balsamo Mootcy** a felicidade a milhares e milhares de pessoas. Um grande imperador recorreu a nós pedindo o nosso auxilio e não recorreu debalde!

Homens notaveis e não notaveis, todos nos tem vindo pedir o nosso concurso. Em todos os paizes da Europa e America, em multoslogares da Africa e da Australia é o nosso **Mootcy** conhecido e apreciado. Póde-se por isso dizer, com verdade, que gusa de fama universal.

O preço para o **Mootcy** é de 2\$515 réis por porção (uma porção chega perfeitamente). O pedido de 2 porções.

MOOTCY DEPOT—Ditmar Koelster, 3, Hamburgo, 133

O maior e mais importante estabelecimento da especialidade na Europa



Envia-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a explicação clara da maneira de ser usado e com o certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.

Discos Simplex de double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais VARIADO E MODERNO REPERTORIO em musica e canto dos melhores auctores NACIONALES E EXTRANGEIROS. Marca registrada, propriedade exclusiva de J. Castello Branco.

Discos

siva de J. Castello Branco.

Preços exceptionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machininas fallantes. PEDIR CATALOGOS a **J. Castello Branco**

Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 — LISBOA

LOCAO DE QUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvide e todas as afecções do couro cabeludo. **L. DEQUEANT**, Pharmacien, 35, Rue Clugnot, Paris. Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deveis dirigir para todas as informações gratuitas. A VENDA em TODAS as BOAS CASAS do PORTUGAL.

OS AMORES DE

D. CARLOTA JOAQUINA

E factu adquirido para a Historia, que D. Carlota Joaquina foi uma esposa indigna d'este nome. E os seus contemporaneos foram concordes em que a moral de D. Carlota Joaquina faria arrugar os supercilios aos jansenistas. Junot, que a tratou de perto, alcunhou-a de Messalina, e a duquesa de Abrantes, que a conheceu pessoalmente, declarou que a nar-

rativa das aventuras amorosas d'esta princeza seria repelente, sem ter o commo de Boccaccio ou da rainha de Navarra. Um folheto publicado em Paris em 1833 assegura que D. Carlota Joaquina não tinha pudor, nem respeito por seu marido, e que, certa vez, foi surpreendida no Ramalhão, n'um minuto grave que a penna do auctor se recusou a descrever. Um consciencioso historiador portuguez, o sr. Fonseca Benevides, não fica atraz d'aquelle escriptor e confessa que ella era dissoluta, de gostos vis e baixos, e mais devassa e ambiciosa que a esposa de Carlos IV. Oliveira Martins chama-lhe creatura devassa e abominavel, em cujas veias corria toda a podridão do sangue Bourbon. Em nosso juizo, D.

Carlota Joaquina era uma mulher digna de ter vivido em plena decadencia romana, n'essa epoca sumptuosa que concitou a patçada da Historia, quando os versos de Ovidio—o ai-Jesus da corte de Augusto—adejavam em todos os labios, quando Messalina transformava o Palatino em alcouce e os prostibulos da Suburra em alcôvas imperiaes, quando, enfim, aquella patrajona classica trocava o seu leito de plumas de Alexandria pelas camas pifias dos lupanares, onde ora escutava phrases adocicadas como um verso de Tibullo, ora eloquentes como um rasgo tribunicio de Cicero, ora elegantes como a toga de Celio, ora obscenas como uma pagina demoniaca de Elephantis. E a sua biographia tinha jus a ser traçada n'uma prosa lapidar, de cadencias latinas, severa como o estylo de Tacito, mas triste como um epitaphio da via Adreatina.

A devassidão de D. Carlota Joaquina explica-se

por diathese hysterica ou hereditariade morbida, por determinismo physiologico. Seu pae, Carlos IV, era um monarcha predestinado ás humilhações e que desperdiçava todo o seu tempo em tres coisas—rezar, caçar e dormir. O marquez de Beaupharais, embaixador de França em Madrid, chamava-lhe o *boi gordo*, porque foi um joguete nas mãos de sua mulher, a voluptuosa e teimosa rainha Maria Luiza, que o enganava infamemente. Esta soberana dispôz de um avultado numero de amantes, a começar em Pignatelli e a acabar em Manoel Godoy, principe



Gravura em aço de Audinet

da Paz, que, depois de 1808, foi conspurcado pela espuma dos libel-

sabia francez e latim, dançava conspicuamente o minuet e as danças inglezas, era mui prendada, e, conforme depõe uma testemunha ocular, possuía uma conversação de muito pingo. Segundo o gosto da epocha, tocava viola de uma maneira surprehendente. E foi por isso que, tendo-se encon-

trado a côrte portugueza e a hespanhola em Badajoz, no anno de 1796, Carlos IV mandou um expresso a Lisboa, para lhe trazer a viola de sua filha, que exhibiu seus meritos de violista perante a fina flôr aristocratica das duas nações peninsulares. Em Lisboa, aprendeu a dedilhar harpa e aperfeçoou-se na pintura. Beckford conta que esta princeza se fizera acompanhar de varias bailarinas hespanholas, quando veiu para Portugal, o que demonstra o seu amor pela arte de Therpsycore. Montava frequentemente a cavallo, e parece-nos que não era tão mau cavalleiro como a duqueza de Abrantes deixa suppôr. Nos começos do seculo passado, ia a cavallo, a miudo, desde Queluz á quinta de Belém e á quinta do Ramalhão, onde ás vezes passava o dia ou jantava com D. Maria I ou com a princeza D. Maria Benedicta.

Em Salvaterra, tomava parte nas caçadas aos pombos, quasi sempre a cavallo. N'essa epocha, tambem seu marido era um apaixonado amator do sport cynegetico. Levantava-se ao luzir



Retrato da rainha D. Carlota Joaquina

los e peta baba da calumnia, bol-sada pela imprensa. Um folheto, que circulou em Madrid no anno de 1800, e em que se descreviam as protervias da fogosa Maria Luiza, foi remettido pelo secretario de D. Carlota Joaquina a esta princeza, então no Rio de Janeiro, que se deu pressa em responder-lhe n'estes termos, corroborativos das asserções da papelêta:—*El tal impreso dice verdades, pero es desvergonzado.*

D. Carlota Joaquina creou-se no meio d'essa frivola côrte, em que a rainha dava exemplos de uma immoralidade altivolante e em que até duas duquezas chegaram a jogar as cristas por motivo dos seus amores com os toureiros Romero e Costillares.

Teve uma educação cuidada, porque



Retrato de D. João VI, de 1826



doburaco,
para ir ca-
çar ásper-
dizes em
Queluz e
em Mafra,
ás lebres,
aos vea-

dos, aos porcos bravos e aos ga-
leirões em Salvaterra, ou aos lo-
bos na sua coutada de Muge.
Varias vezes caçou em compa-
nhia do arrogante general Lan-
nes, tanto em Queluz, como no
Alfente e em Salvaterra. Uma vez, em
8 de janeiro de 1804, andaram am-
bos atirando ás gaivotas no Tejo; e
outra vez, em 23 de fevereiro, foram
a uma montaria aos lobos em Otta.
Em Salvaterra, D. Carlota Joaquina
sabia muito a cavallo, e, á noite, en-
tretinha-se a jogar o *isque* e o volta-
rete com o marquez de Marialva e os
veadores de semana. Na caça, usava
uma espingarda que ficou no Rama-
lhão, dentro de uma capa encarnada,
quando a familia real se escapou para
o Brazil em 1807, e que podia
competir com a espingarda de vinte
tiros que os francezes bifaram ao seu
amante João dos Santos, almoxarife



Retrato de D. Miguel em criança

d'aquella quin-
ta, quando o
cunhado do
general Junot,
o filho do con-
de de Novion
e o celebre
pintor Pelle-
grini a visita-
ram, pela pri-
meira vez, em
6 de dezem-
bro do mesmo
anno.

D. Carlota
Joaquina possuia estatura pequena, olhar perspicaz,
e, por vezes, severo, era extremamente viva, solerte
e de espirito penetrante, mas feia, de queixos sahidos
e escanifrada, parecendo-se, na ma-
greza, com sua mãe, a quem a prin-
ceza das Asturias grudára a alcunha
de *cana de pesca*. Junot pintou-a co-
mo uma gorgona e sua mulher tra-
çou-lhe um retrato estupendo de feial-
dade, chegando á afinação de dizer
que os cabellos da princeza eram
crespos, entufados e sujos.

Cincou, porém, n'este ponto, por-
que os cabellos de D. Carlota Joa-
quina eram opulentos, sedosos, ma-
gníficos, eram a sua unica belleza.
Quando a corte deu ás de Villa Dio-
go em 1807, a princeza mandou cor-
tar o cabello á escovinha, e assim
desembarcou no Rio e se dirigiu pa-
ra a Sé, tomando logar debaixo do
pallio encarnado e oiro, á ilharga de
seu marido, modestamente trajada
com um vestido liso de seda preta,
mas chorando muito e enxugando
continuamente as lagrimas, emquan-
to atraz seguiam as infantas, e D.
Pedro e D. Miguel, dois petizes, que
vestiam fardetas bordadas. Anna Mi-
chelini, uma retreta que a acompa-
nhára de Madrid para Lisboa e que
por cá ficou, epistolava a Maria Lui-
za em 1790, contando-lhe que sua
filha andava a beber leite de burra
para lhe combater a debilidade. Es-
tando no Brazil, a debilidade no-
vamente se lhe manifestou, de fór-
ma que a Princeza teve de se retirar
para a xácara do abbade dos Bene-



O - SERENISSIMO
SENHOR INFANTE

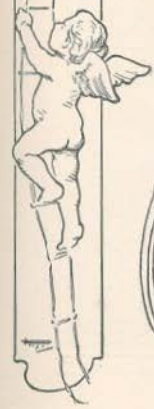
DON PEDRO

GRÃO-PRIOR DO CRATO

NASCO EM LISBOA A 12 DE OUTUBRO

1798

Retrato de D. Pedro em criança





dictinos,
em Bota-
fogo, on-
de, graças
aos reme-
dios do
doutor
Corcova-

do, conseguiu recuperar a saúde, que estava tão abalada que a princesa recebeu ter um princípio de tísica.

D. Carlota Joaquina era ambiciosa, cruel, egoísta e vingativa. N'ella, como em seu avô Philippe V, a fraqueza physica allia-se ao vigor de animo. Revelou, desde a infancia, as mesmas tendências e a mesma vivacidade de espirito de sua mãe, e mostrou constantemente um natural pendor para toda a casta de intrigas politicas e amorosas. Considerada sob o ponto de vista politico, era o unico homem do ramo bourbonico hespanhol, e até a sua ausencia de escrupulos senhoris fazia com que ella se assemelhasse mais a um homem licenciado do que a uma mulher de costumes reprehensíveis.

A historia secreta da côrte de Portugal, desde 1806 até 1828, é apenas uma serie de conspirações tramadas por uma princesa, cujos sonhos doirados foram sempre o poderio e o mando, e que, ao vêr-se escoraçada do leito de seu esposo, se converteu em sua inimiga irreconciliavel. D. Carlota Joaquina pertencia a essa especie de mulheres que Napoleão I chamava *tripotenses*. A primeira conspiração que tramou contra o seu consorte data de 1806, sendo então preso, como suspeito de cumplicidade, o

João dos Santos, que foi desterrado para as suas propriedades em Obidos. No Brazil, nutriu pretensões á regencia das colonias hespanholas na America e conspirou com esse intuito, mas as suas propostas só receberam benevolento acolhimento em Buenos-Ayres, onde o Dr. Peña teimava que ella era um anjo salvador e onde se organisou um partido, que se propunha proclamar uma nova dynastia na pessoa de D. Carlota Joaquina, a qual tentou abalar para o Rio da Prata, a fim de se pôr á testa dos

seus partidarios. Chegou mesmo a enviar armas, polvora e joias suas no valor de cincoenta contos de réis, para a defeza da causa em Montevideo. Mas como a Inglaterra favorecia secretamente a independencia de Buenos-Ayres, debaixo do regimen republicano, Lord Strangford lançou a sua influencia na balança, e a princesa viu ir o negocio de *cabeça abaixo*, conforme a sua propria expressão.

Tanto monta dizer que a harpia começou logo a açacalar os gryphos e a cogitar em nova trama. Como não poderá formar uma monarchia independente na America, apresentou a sua candidatura á regencia de Hespanha, e, cambiando de tactica, arvorou-se em protectora dos hespanhoes fieis á metropole e em perseguidora dos revolucionarios argentinos que conspiravam nos clubs da Prainha e da rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, onde o Intendente Paulo Fernandes Vianna decalcava os processos coercivos do finado Pina Manique. Mas de nada lhe valeram as raposias diplomaticas de D.



Gravura publicada na epoca



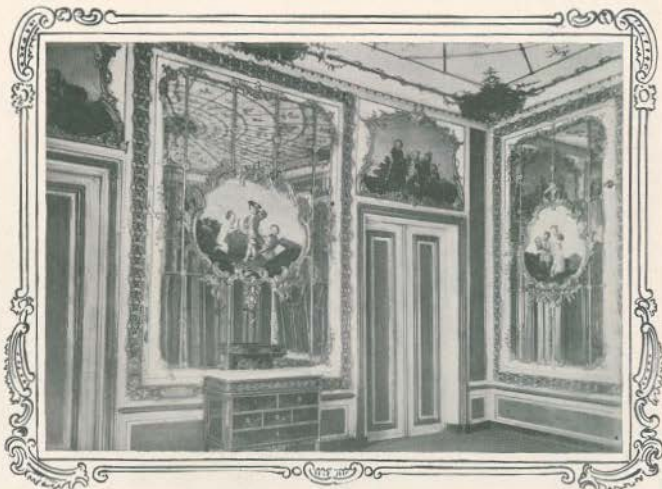
Pedro de Sousa — Holstein, porque as suas aspirações fracassaram perante a

decisão das côrtes de Cadiz. N'esta cabala, tornou a desempenhar um papel o seu querido João dos Santos, que serviu de intermediário entre a princeza e os seus agentes em Hespanha. No Brazil, D. Carlota Joaquina não fomentou mais nenhuma conspi-

litar de 24 de fevereiro de 1821, destinada a pedir uma Constituição, a que, no anno immediato, se seguiu a proclamação da independencia, que daria a corôa imperial a D. Pedro, o que levou os miguelistas a cantar em 28:

*Não posso levar a preço
Malhados calçarem botas,
Mestre Pedro, rei dos kágados,
Imperador das bolotas.*

*Dar o seu a seu dono
E' um dever natural,
D. Pedro, rei do Brazil,
D. Miguel, de Portugal.*



O boudoir de Carlota Joaquina em Queluz

ração, mas deu o prasma á de seu filho D. Pedro contra D. João VI. Com este designio, D. Pedro passava para a livraria da princeza D. Maria Leopoldina, descendo por um alçapão que existia na sala dos Passaros, em S. Christovão, e alli congregava clubs, a que compareciam officiaes da tropa, o padre Goes, João Bernardo Caupers e o conde dos Arcos, que andava de casaca de briche para imitar os deputados ás Constituintes de 21. Mais tarde, tiveram as suas sessões na propria residencia de D. Carlota Joaquina, que a tudo accedia, porque o seu mais ardente desejo se cifrava em voltar para Portugal. Alli se combinou a sedição mi-

Voltando para o reino e manifestando aquella coragem, que era a qualidade positiva do seu caracter picaro, D. Carlota Joaquina negou-se a jurar a Constituição de 22, e, em consequencia da negativa, foi desterrada para o Ramalhão, onde proseguiu nas suas conjuras, servindo-lhe de emissario o celebre Fort, marquez de Guarany, que se apresentava ás portas da quinta, disfarçado em cabreiro e com um rebanho de cabras, sob o pretexto especioso de vender leite, tornando-se assim o principal agente, embora secreto, da *Villafrancada*. Depois da conspiração da rua Formosa e da trama da Bem-postinha, houve o pronunciamento militar da *Abri-lada*, em que D. Carlota Joaquina representou de Egeria, e que tambem visava a arrancar a corôa a D. João VI e a investil-a a ella ou a (D. Miguel na regencia. Por aqui se vê que D. Carlota Joaquina passou a vida a conspirar no fundo do seu toucador,





mas que a Fortuna lhe voltou obstinadamente as costas.

O casamento de

D. João com esta princeza hespanhola foi uma verdadeira desgraça para elle e para o paiz. A boa harmonia reinou pouco tempo entre os dois augustos conjuges. Houve quem affirmasse que

o rompimento se deu logo depois de nascer a infanta D. Maria Thereza, em 1793, e que só em 1806 se tornou publico. Lasteyrie diz que as relações entre os

dois conjuges se quebraram em fins de 1803 ou principios de 1804, e Presas diz que foi em 1806, o que nos parece mais consentaneo com a verdade. N'esta epoca, o principe regente esteve a pique de tornar publicos os seus desgostos domesticos, do que foi dissuadido por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que lhe ponderou os graves inconvenientes de semelhante passo. Sabemos, porém, com certeza, e podemos

provar com documentos, que, desde 1801 até 1804, os dois reaes consortes andaram sempre separados, juntando-se apenas nas galeotas que os conduziam a Samora e a Salvaterra. A Princeza, que comprara a quinta do Ramalhão em 1802, não

conseguiu até 1804 que o principe a visitasse, apesar de ter dado aqui uma grande funcção no domingo, 26 de setembro de 1803, na qual cantaram a ineclipsavel Gafforini e o celebrado buffo José Naldi, funcção a que assistiu a rainha D. Maria I.

E agora abrimos um curto parenthesis para fazer a historia do Ramalhão. O casal d'este nome foi aforado pela Misericordia de Cintra a uma viuva de Collares em 1585 e passou por varias mãos, até que em 1768 foi á praça por dividas do proprietario, Luiz Francisco Garcia de Bivar,—tambem dono da quinta das Laranjeiras,—cujo pae, Luiz Garcia de Bivar, governador da Nova Colonia, fizera construir o palacio. Comprado em hasta publica na praça do



O marquez de Marialva, photographia de um quadro existente nos Seteais





Rociopela opulenta habia na D. Maria da Encarnação Correia, coube depois

em herança a sua filha D. Anna Joaquina, viuva de José Street, que, por ser bem vincular, a subrogou em 1802 a D. Carlota Joaquina, mediante quinze contos de réis representados pela apolice n.º 12.234 do novo emprestimo do Real Erario, com a natureza dos Padrões de Juro Real, apolice que ficou averbada ao morgado de Carnide. D. Carlota Joaquina foi passear ali, pela primeira vez, em sexta-feira, 23 de abril de 1802; e o marquez de Marialva (D. Diogo) tomou posse do Ramalhão, em nome da nova proprietaria, no dia 8 de agosto do mesmo anno. No tempo dos Francezes, o Ramalhão foi muito apreciado pelo azeviro Junot, que lá deu um grande baile, lá fez pandegas de truz com a condessa da Ega, D. Maria de Noronha e outras senhoritas escassamente pontilhosas em pontos de honra, e lá pagodeou com as bailarinas de S. Carlos nos alegres dias 13, 14, 15 e 16 de março de 1808, regressando a Lisboa em 17, por ter chegado um correio com officios do principe Murat, logar-tenente do imperador em Hespanha, o qual, passado seis dias, entrava em Madrid.

Revertamos ao ponto. Em 1804, D. Carlota Joaquina conseguiu, alfin, que seu marido visitasse o Ramalhão, aproveitando este o ensejo de ir fazer oração á Senhora do Cabo, que estava em Santa Maria de Cintra. Em maio de 1805, parece que alguma boa fada conseguiu congraçal-os temporariamente, porque sabemos que foram ambos dormir ao Ramalhão no dia 18, por causa de verem o cirio do Cabo, e que em 20 regressaram a Queluz. Tambem sabemos e podemos provar que em 15 de setembro, depois do principe ter jantado na quinta de Belem, foi ficar com sua mulher ao Ramalhão, onde se conservaram dois dias, regressando juntos a Queluz, onde chegaram ás 8 horas da noite de 17. Mas a conspiração de 1806 pôz ponto final n'estas relações intimas. No Brazil, continuaram a viver separados de casa, posto que figu-

rassem juntos nas festas cortezanescas. A ruptura manteve-se até á morte de D. João VI, apenas com tres brevisimas pausas de suspensão: uma em 1810, no Rio, quando a princeza velhacamente procurava que seu marido a secundasse nas maniversias para empolgar a regencia das provincias rioplatenses; outra em novembro de 1811, tambem no Rio, quando apresentava a sua candidatura á regencia de Hespanha; e outra depois da contra-revolução de 23, em que os dois conjuges foram vistos juntos n'algumas solemnidades.

Os filhos de D. Carlota Joaquina tiveram diversos paes, como foi publico e notorio. A penna maliciosa da duqueza de Abrantes frisou bem o facto, quando disse que nem um só d'esses filhos se parecia com o outro, e que todos formavam uma diversidade comica. Como já escrevemos ha annos e em outro logar, D. Maria Thereza era hypotheticamente filha de D. João VI; de D. Antonio e de D. Maria Izabel ignorava-se a paternidade; D. Maria Francisca



Carlota Joaquina, princeza do Brazil

era filha de Luiz da Motta Feo, antigo capitão-general de Parahyba do Norte, governador geral de Angola e pae do linhagista João Carlos Feo; D. Miguel era filho do marquez de Marialva (D. Pedro), gentil-homem da camara da rainha, coronel do regimento de Mecklemburgo e apparatuso embaixador que deslumbrou a corte viennense, o Olympo imperial dos Habsburgos, quando foi pedir a mão



da archiduzesza Maria Leopoldina para o principe real D. Pedro; D.

Maria da Assumpção era filha de João dos Santos, almoxarife do Ramalhão; e D. Pedro, D. Izabel Maria e D. Anna eram indubitavelmente filhos de D. João VI, como claramente indicava o bello bourbonico d'estes tres principes. O viajante Link, que nos visitou em 1798, ainda se aventurou a dizer que, de D. Carlota Joaquina, só se podia affirmar que tinha muitos filhos e que se vangloriava da sua fecundidade. Mas Beckford, que o precedeu, asseverou, nas suas Memorias, que o caracter perverso d'aquella princeza exercia damnosa influencia sobre seu marido.

Em 1802, o principe D. João teve a tontice de dizer perante varios membros do corpo diplomatico que não se considerava como pae do recém-nascido D. Miguel, porque havia dois annos que não tinha relações conjugaes com a mãe d'este, mas que o reconhecia por amor da paz e para evitar um escandalo publico. Esta anedota foi reproduzida no *London Observer* e em outros jornaes inglezes. Beckford escreveu que D. Miguel era reputado como filho do marquez de Marialva, e o escriptor inglez William Young disse, em 1828, que quasi todos os lisboetas asseveravam que não era filho de D. João VI. O marechal de Castellane vai mais longe e chega a avançar que o marquez de Marialva era pae de todos os principes, exceptuando apenas D. Izabel Maria, que o proprio D. Miguel o confessava quando estava de bom humor, e que D. João VI tinha a franqueza de dizer, alludindo áquella infanta: — «Pelo que respeita a esta é minha filha, parece-se comigo.» Quando D. Miguel esteve em Paris, de regresso de Vienna d'Austria, nos fins de 1827, Castellane ficou espantado da sua semelhança com os Bonapartes; mas pelas datas, conta elle, não podia ser filho de Luciano Bonaparte, que viera n'uma embaixada a Portugal e que, na volta, dissera ao seu addido, Mr. de Fontane, referindo-se a D. Carlota Joaquina: — *La reine est bien lai-*

de, mais il m'a fallu en passer par là... Cumpre, porém, dizer que Castellane se equivocou, porque Luciano Bonaparte nunca veio a Lisboa, mas sim a Madrid em 1801, onde o facto se devia ter dado com a rainha Maria Luiza. Quem esteve em Lisboa, em abril de 1805, foi seu irmão Jeronymo Bonaparte, mas veio com sua primeira mulher, uma americana de Baltimore.

D. Carlota Joaquina opinava que não queria ter amante certo, para lhe não acontecer o mesmo que acontecia a sua mãe com Godoy, o qual, segundo rezam as chocalheiras chronicas, lhe chegava a roupa ao corpo. Portanto fazia render, de vez em quando, o pessoal que lhe servia de divertimento physiologico. Já citámos Luiz da Motta Feo, o marquez de Marialva e João dos Santos. Este ultimo foi, por ventura, o amante mais do seu peito, aquelle cujo amor lhe communicaria a embriaguez de uma garrafa de champurião do Nicola. Foi o homem de grande confiança de D. Carlota Joaquina, que o encarregou da administração dos seus bens em Portu-



D. Pedro I, gravura de Eduardo Smith, em 1827

gal, enquanto ella esteve ausente no Brazil, onde estabeleceu uma mezada ás duas filhas legitimas de João dos Santos, cuja familia ainda hoje tem representantes em Lisboa. Esporeada pelos acicados do sangue, teve velleidades de conquistar o insolente general Lannes, ministro de França, mas baldou o trabalho, porque, estando elle apaixonado por sua bonita mulher, não se deixou enfeitiçar por uma fúfia crepitante de lascivia. Em 1805, não se contentando simplesmente com os amores adulterinos de





João dos Santos—cuja exuberancia de qualidades viris, segund

correu, excluia a necessidade dos elixires cantharidados, — enamorou-se do reluzente embaixador Junot e aprazou-lhe uma entrevista amorosa na quinta da Princeza, em Pedrouços, mas elle frustrou-lhe a expectativa e mandou-a á tabua. Quando Junot abandonou a sua residencia no palacio Ferreira Pinto, defronte da actual Casa Havana, e partiu, de rapa-torrão, para a Moravia, onde chegou na vespera de Austerlitz, soffreu um interrogatorio do imperador, que lhe perguntou se sua mulher ficara doente em Portugal com ciumes de D. Carlota Joaquina e se esta era realmente tão feia como se propalava.

—E' mais feia do que tudo quanto é feio, respondeu Junot.

—E comtudo!... exclamou Napoleão.

—Deus do céu! Sim!... replicou Junot, esquecendo-se de guardar a reserva diplomatica.

Tagarella a tradição que, n'este mesmo anno de 1805, se commetteu um crime em Val de Milho, perto de Cintra, a que anda agglutinado o nome da Princeza. N'um casal d'aquella localidade foi assassinada uma familia, cujo chefe, rapaz novo e guapo, exercera o logar de jardineiro do Rama-

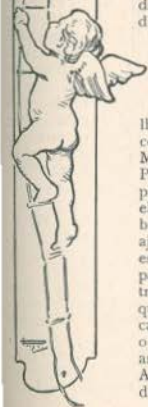
lhão, onde se amistára com sua augusta ama. Mais tarde casou, e a Princeza, em revindicta da pretensa felonía, mandou eliminar todos os membros d'essa familia. E ajuntou-se que o casal estiyera cercado por tropas, enquanto se perpetravam os assassinios. O que é verdade é que nunca se poute levantar todo o capuz do mysterio, não obstante as tenacissimas diligencias de José Anastacio Lopes Cardoso, ajudante do Intendente de Policia, o mesmo

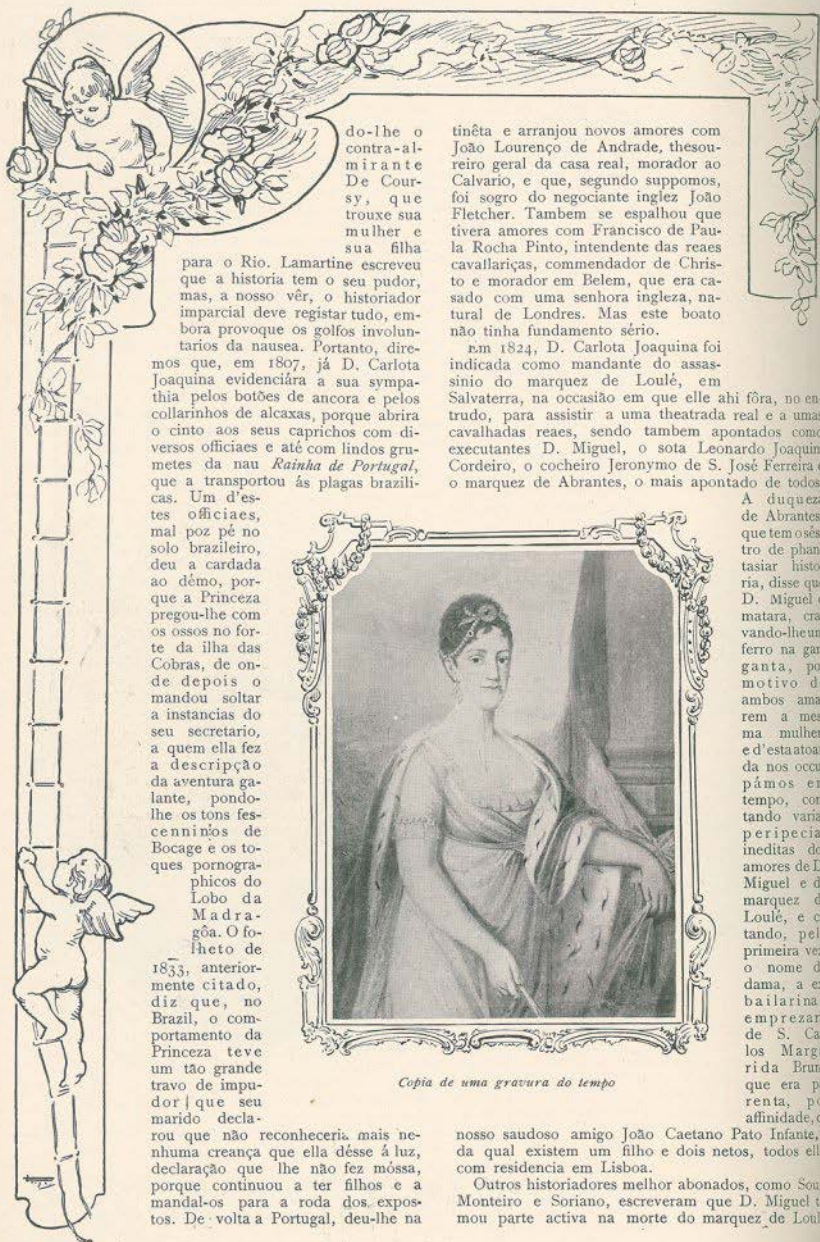
que, conforme correu no publico, foi envenenado em uma chavena de chocolate que a Princeza amavelmente lhe offereceu no paço de Mafra, no anno seguinte. Uma nota do poema *Os Burros* diz que passou como certo que outros apaixonados de D. Carlota Joaquina experimentaram a sorte funesta do de Val de Milho, e que seu marido, sciente dos casos, mandou abrir devassas, que ficaram sem resultado, por motivo da preponderancia da Princeza sobre a justiça. Durante a sua estada no Brazil, tambem se disse que amara, com tal ou qual carnalidade, o contra-almirante inglez Sir Sidney Smith, seu grande auxiliar na tentativa para reger a America hespanhola. Mas isto parece que foram antes uns enredos, adrede tecidos por Lord Strangford, que se



Carlota Joaquina

queria descartar d'elle e que levou o Principe Regente a escrever uma carta ao rei de Inglaterra, pedindo-lhe para substituir Sidney Smith no commando da esquadra, ao que Jorge III assentiu, mandan-





do-lhe o
contra-al-
mirante
De Cour-
sy, que
trouxo sua
mulher e
sua filha

para o Rio. Lamartine escreveu
que a historia tem o seu pudor,
mas, a nosso vêr, o historiador
imparcial deve registar tudo, em-
bora provoque os golfos involun-
tarios da nausea. Portanto, dire-

mos que, em 1807, já D. Carlota
Joaquina evidenciára a sua sym-
pathia pelos botões de ancora e pelos
collarinhos de alcaxas, porque abria
o cinto aos seus caprichos com di-
versos officiaes e até com lindos grum-
metes da nau *Rainha de Portugal*,
que a transportou ás plagas brazili-
cas. Um d'estes officiaes,
mal poz pé no
solo brasileiro,
deu a cardada
ao demo, por-
que a Princeza
pregou-lhe com
os ossos no for-
te da ilha das
Cobras, de on-
de depois o
mandou soltar
a instancias do
seu secretario,
a quem ella fez
a descripção
da aventura ga-
lante, pondo-
lhe os tons fes-
cenninhos de
Bocage e os to-
ques pornogra-
phicos do
Lobo da
Madra-
gão. O fo-
lhetto de

1833, anterior-
mente citado,
diz que, no
Brazil, o com-
portamento da
Princeza teve
um tão grande
travo de impu-
dor que seu
marido decla-
rou que não reconheceria mais ne-
nhuma creança que ella dêsse á luz,
declaração que lhe não fez mossa,
porque continuou a ter filhos e a
mandal-os para a roda dos. exposto-
s. De volta a Portugal, deu-lhe na

tinêta e arranjou novos amores com
João Lourenço de Andrade, thesou-
reiro geral da casa real, morador ao
Calvario, e que, segundo supposmos,
foi sogro do negociante inglez João
Fletcher. Tambem se espalhou que
tivera amores com Francisco de Pau-
la Rocha Pinto, intendente das reaes
cavallariças, commendador de Christo
e morador em Belem, que era ca-
sado com uma senhora ingleza, na-
tural de Londres. Mas este boato
não tinha fundamento sério.

Em 1824, D. Carlota Joaquina foi
indicada como mandante do assas-
sinio do marquez de Loulé, em
Salvaterra, na occasião em que elle ahi fôra, no en-
trudo, para assistir a uma theatrada real e a umas
cavallhadas reaes, sendo tambem apontados como
executantes D. Miguel, o sota Leonardo Joaquim
Cordeiro, o cocheiro Jeronymo de S. José Ferreira e
o marquez de Abrantes, o mais apontado de todos.

A duqueza
de Abrantes,
que tem o sê-
stro de phan-
tasmar histo-
ria, disse que
D. Miguel o
matara, cra-
vando-lhe um
ferro na gar-
ganta, por
motivo de
ambos ama-
rem a mes-
ma mulher,
e d'estaatoar-
da nos occu-
pámos em
tempo, con-
tando varias
peripeccias
ineditas dos
amores de D.
Miguel e do
marquez de
Loulé, e ci-
tando, pela
primeira vez,
o nome da
dama, a ex-
bailarina e
empresaria
de S. Car-
los Marga-
rida Bruni,
que era pa-
renta, por
affinidade, do



Cópia de uma gravura do tempo

nosso saudoso amigo João Caetano Pato Infante, e
da qual existem um filho e dois netos, todos elles
com residencia em Lisboa.

Outros historiadores melhor abonados, como Sousa
Monteiro e Soriano, escreveram que D. Miguel to-
mou parte activa na morte do marquez de Loulé,



de quem
o infante
era real-
mente ini-
migo acer-
bo. Olivei-
ra Martins,
que tam-

bem claudica a fidelidade his-
torica, diz que, segundo alguns,
a devassa fez prova contra a
rainha e contra o infante. Mas
todas estas asseverações são com-
pletamente falsas, são verdadeiras
calumnias historicas, porque nem
a devassa provou nada contra
aquelles, nem D. Miguel tomou
parte directa no crime, como po-

indicefravel, ficará para ser tratado
em outra oportunidade.

D. Carlota Joaquina era cheia
de taras, iscada de sensualidade, e
tinha uma consciencia que nunca
foi pungida pelas pias do remor-
so, enquanto que D. João VI,
longe de ser *une bête*, como sus-
tenta a duqueza de Abrantes, era
medianamente intelligente, mas
bonacheirão, Portugal velho — um
burguez da realza. Apesar da
actividade politica de D. Carlota
Joaquina, ella não teve a gloria, que só reside no
futuro, mas apenas a popularidade, que é o echo
tumultuoso do presente. É justo, porém, confessar
que possuia a coragem, a firmeza e a energia que



O palacio do Ramalhão



diamos demonstrar documentalmen-
te. Quem assassinou o marquez de
Loulé foi um homem, que nem a
justiça nem a voz publica indigita-
ram como criminoso, e que jámais
figurou como tal nas paginas dos
historiadores. Mas este curiosissimo
problema da nossa historia contem-
poranea, este enigma até agora

faltavam a seu marido. Por isso tambem não can-
tou a palinodia, como tantos d'esses homens de 20,
que viraram a casaca do carnaz e não tiveram o ou-
sio de se manter fieis á Liberdade, que cahiu es-
trangulada aos pés dos contra-revolucionarios de
Villa Franca.

PINTO DE CARVALHO (Tinop.)



OS PTOLOMEUS EM LISBOA



TODOS teem ouvido falar mais ou menos dos Ptolomeus, os famosos príncipes da família dos Lagidas, que durante tres seculos, anteriormente ao começo da era christã, governaram o Egypto. Não sendo, na verdade, a historia egypcia demasiado conhecida, o certo,

as salas da secção zoologica.

A primeira mumia do Egypto que houve em Lisboa foi, no tempo de D. José I, uma que veio para o museu que o marquez de Angeja possuia então, estabelecido na rua Direita da Junqueira, e que depois pertenceu á

condessa de Lavradio. Não podemos averiguar que destino levou. Depois d'esta, e até hoje, só nos consta da existencia, além das do Museu Bocage, de outras na Sociedade de Geographia, que possui também, mais uma ou duas mexicanas. Não admira, pois, que as mumias, aliás simples cadavres embalsamados, exactamente como os de um gato, de um cão ou de um papagaio, facies de encontrar a cada passo, constituam ainda objectos de certa surpresa para a maioria do publico.

Houve no Egypto dezesseis Ptolomeus. O primeiro d'elles, chamado Soter e nascido na Macedonia, cerca de 300 annos antes de Christo, foi o primeiro Lagida, o fundador da monarchia grega no Delta do Nilo. Ptolomeu XVI foi o ultimo rei do Egypto da dynastia dos Lagidas, nascido 47 annos antes de Christo e mandado matar por Augusto depois da victoria de Actium. Todo este periodo ptolomaico se assignala, na historia egypcia, por uma accentuada decadencia, bem differente da brilhante e florescente epoca pharaonica, mas está de vêr que tal circumstancia não pode constituir motivo para ligarmos menos interesse áquelles nossos illustres antepassados de ha vinte seculos.

Cumpra desde já esclarecermos que nenhum dos Ptolomeus authenticos se encontra presentemente em Lisboa, que saibamos; mas sim dois contemporaneos dos soberanos Lagidas, que todos podem vêr, em carne e osso, com relativa facilidade, apesar da idade avançada, que tanto o sr. Hor, o principal d'esses personagens, como o seu companheiro a quem não sabemos o nome, devem contar, e que orçará pelos seus dois mil e tantos annos.

Trata-se, — como os leitores naturalmente suspeitaram, — de duas mumias egypcias, que o sr. duque de Palmella offereceu, ha tempos, ao museu da Escola Polytechnica, e que se acham expostas, dentro dos seus caixões abertos, no alto da escada que serve de accesso ao publico para

Conforme a doutrina osiriana, era preciso evitar que o cadaver se consumisse, porque a duração da alma estava dependente da duração material do corpo que ella animára. e foi para satisfazer este interesse religioso que se inventou a mumificação, ou arte de embalsamar, que os egypcios não usaram de começo, mas que successivamente se aperfeiçoou até attingir o seu apogéo no tempo do segundo imperio thebano, principiando a decair com a queda d'este, e continuando o seu curso na epoca ptolomaica, á qual pertencem as duas mumias offerecidas pelo sr. duque de Palmella ao museu da Escola Polytechnica e de que nos estamos particularmente occupando.

A preparação das mumias representava, portanto, no Egypto, um acto cultural. A classe especial incumbida de realis-a dividia-se em tres categorias. A primeira era a dos «parachistas», — uma especie de anatomistas do tempo, — que abriam o cadaver para lhe extrair as visceras. A segunda

era a dos «arichentes», — pouco mais ou menos os nossos preparadores modernos, — que mergulhavam o corpo assim aberto, depois de lhe extrahirem o ce-



Mumia proveniente da necropole de Achmun, personagem chamado Hor



Pyramides de Memphis: Vista geral das Pyramides e da Esphinge, tirada ao sol posto

bro pelas narinas, n'um banho preservador onde se conservava durante 40 a 120 dias, e em seguida enchiam as cavidades do estomago e do abdomen com varias materias, tapavam o nariz, a bocca e as orelhas com uma pasta de côr escura perfumada, e algumas vezes substituíam os olhos naturais por outros de esmalte. A terceira classe era a dos *colchites*, que envolviam o cadaver assim preparado n'um verdadeiro *maillet*, que o vestia da cabeça aos pés, e em seguida o enrolavam n'um lençol, sobre o qual se desenhavam algumas figuras, a tinta, extractos do Ritual ou a figura de um grande Osiris, e depois em um segundo lençol, mais fino, pintado de côr de rosa e fixo por meio de varias voltas de tiras estreitas de panno. Como fecho de todas estas operações mettia-se a cabeça n'uma máscara de panno com gesso ou de cartão, reproduzindo os traços idealizados do defunto, e o cadaver ficava então prompto para a cerimonia do enterro. Mais tarde adoptou-se o costume de metter a mumia n'um sarcophago em forma de banha, pintado por fóra e por vezes dourado, antes de encerral-a n'uma ou duas caixas rectangulares de madeira.

E' n'estas condições que estão preparadas as duas mumias do tempo dos Ptolomeus que podem vêr-se no Museu Bocage.

Contemplando esses estranhos cadaveres de personalidades que viveram mais de dois mil annos antes de nós, o nosso espirito não pode defender-se de experimentar uma natural e viva curiosidade. O que teriam sido estes homens? Como teria decorrido a sua vida? Lord Evandale, o rico inglez imaginado por Theophile Gautier no *Roman de la Momie*, é sabido que encontrou, no caixão que o egypciologo Plémão Rumphius lhe fez descobrir na necropole de Thebas, um papyro contendo a historia da mumia feminina que n'elle estava tão admiravelmente conservada. Nos caixões dos mais contemporaneos dos Ptolomeus não parece que apparecesse nada semelhante.

O envolvero de uma das mumias em gerogliphos, ter ella sido, em vida, um personagem da antiga Pano-

polis, que se chamou Hor, segundo está traduzido na etiqueta com que é agora exhibida, do mesmo feitio irrespeitoso que qualquer especie de animal vulgar de Linneo. Pelo que toca á outra, não se sabe já quem fôsse, ou porque não se tivesse chegado a estabelecer-lhe a identidade, ou porque, como é

mais provavel, se perdeu a respectiva etiqueta. E, comtudo, deante d'ella, bem pode quem passa formular na mente o mesmo dialogo philosophico do Hanlet no cemiterio, a respeito dos craneos. E' bem possivel, effectivamente, que algum dos dois cadaveres expostos n'aquelle patamar de escada do Museu da Escola, depois de arrancados á necropole secular em que haviam sido inhumados, fôsse outr'ora uma figura preponderante na sociedade em que viveu, um homem illustre por qualquer titulo. Agora, porém, se porventura foi tudo isso, já não é mais do que um exemplar de museu, que o visitante olha com a mesma indifferença, a mesma insignificante curiosidade que lhe desperta outro qualquer. Nobre ou plebeu, homem de genio ou intelligencia grosseira, santo ou bandido, nada d'isso importa hoje a ninguem; mas interessa, em compensação, a alguns conhecer a qualidade das ervas com que lhe preencheram o estomago e o ventre esvasiado, a natureza das drogas que foram aproveitadas para lhe garantir a conservação do corpo. O Hor de Panopolis e o seu companheiro de necropole apenas importam, para nós, actualmente, como um bom exemplar taxidermico. Mais nada.

Por sua vez, que impressão experimentariam a nosso respeito os velhos egypcios, adormecidos ha dois mil e tantos annos, se pudessem acordar de repente e vêr com os seus olhos de esmalte e ouvir com as suas orelhas betumadas?! Que extraordinaria sensação não lhes produziria o espectáculo de uma vida tão differente da que elles viveram, tão distante seguramente da sua comprehensão intellectual e moral! E, comtudo, é bem possivel que os velhos habitantes de Panopolis preferissem o seu Egypto, tal como elle era, a esta Europa do nosso tempo.



A outra mumia do Museu da Escola Polytechnica



Vista geral da cidade dos Tumulos, no Cairo. (Reprodução de uma gravura do Atlas da expedição napoleônica) (CLICHÉS DE NOVAES E BENOJEL)

PORTUGAL CATHOLICO

O MYSTERIO DA RESIGNAÇÃO E A PSYCHOLOGIA DO CARDEAL NETTO



O em.^{ma} cardeal Netto e o nuncio apostolico mgr. Julio Tonti

Da resignação do cardeal Netto ha aquillo que se vê e o que se não vê, — affirmou o mais popular dos nossos jornalistas catholicos. A «Illustração Portuguesa», entrevistando um velho ecclesiastico seu amigo, procura esclarecer os pontos obscuros da famosa e controversa questão *

SOBRE o arcaz sumptuoso, de authentica madeira do Brazil, a unica preciosidade da sacristia onde, ha quasi meio seculo, monsenhor X... se paramenta quotidianamente, acabava elle de depôr a casula, a estola, o manipulo vermelhos, o cingulo, a alva, o amicto de grosso linho immaculado, com que, momentos antes, celebrára de Santa Cecilia, virgem e martyr, padroeira da musica, quando eu transpuz o limiar do recinto sagrado e silencioso. Os seus labios finos, sem côr, murmuravam os deradeiros versiculos do salmo *Benedicite*. Ao avistar-me de pé, proximo do lavabo, com os seus olhos indagadores e ironicos, onde fulgem reflexos da bondade captivante da sua alma, adeantou-se rapido e, emquanto purificava os dedos tremulos, disse-me, a meia voz, que o esperasse um instante.

Foi breve, mas ao parecer fervorosa, a acção de graças rendidas de joelhos, no genuflexorio collocado junto ao supedaneo do altar-mór, e logo, d'aquella meia obscurida-

delugubre do templo e d'aquelle ambiente impregnado do cheiro caracteristico da cera queimada e do aroma devoto do incenso, saímos para o ar livre da rua, que o sol matinal dourava e em que a orchestra bizzarra dos pregões erguia notas guerreiras umas, outras lyricas, repassadas todas da tristeza ingenua e vagamente saudosa do nosso povo. Monsenhor X... travou-me fortemente do braço, para se apoiar, e, como a distribuição do seu tempo obedece a um rigoroso horario, não se demorou em abordar o discutido assumpto que me levava a procurar-o. Qual o mysterio da resignação do cardeal Netto e que papel representou n'esse facto a sua psychologia?



O convento de Varatojo

— «Filho do Algarve» começou o meu venerando companheiro — e ainda aparentado com João de Deus (eram primos), o padre José Sebastião Netto exercia o munus de parochio em Boliqueime, piedoso, exorcista e mestre de solfa, quando uma voz interior e irreprimivel o chamou a vida mais perfeita. Prompto lhe obedeceu. Um mudo adeus a sua aldeia e lá foi acolher-se a sombra monastica de

Varatojo, em Torres Vedras, o collegio franciscano cuja fundação se deve a esse interessante mystico e adoravel epistolographo que se chamou frei Antonio das Chagas, no mundo Antonio da Fonseca Soares, que n'uma austera penitencia remiu as culpas da sua vida farta em aventuras peccaminosas. Breve apertou Frei José as correias das sandalias, se coroou de cercilho e atou aos rins o cordão serafico, disposto a consagrar-se totalmente á salvação das almas por via da pregação apostolica. Não lhe faltava a imponente figura, o aspecto unctoso e grave, a voz capaz de ternas invocações e de apostrophes trovejantes, para pintar as delicias do céu e descrever os horrores do inferno, chamando ao bom caminho os pobres transviados. Estavam-lhe, porém, reservados destinos mais excelsos...

Refere a tradição que, vagando o bispado de Angola e Congo, houve lembrança de fazer bispo da diocese africana um sacerdote que, mercê da sua vida de exemplar dedicação ao serviço de Deus, grangeára justa fama de santidade: — o varatojano frei Antonio do Presepio, de seu appellido Pancada. A humildade e o zelo d'este religioso, que todo se consumia no amor de Jesus, e cujo macerado, expressivo, candido rosto se tornava como que resplandecente quando elle no pulpito, missionario indefesso, brandia como uma adaga o seu crucifixo, evocavam os preteritos tempos em que as multidões corriam após os evangelizadores, como os seres sensíveis e insensíveis após a lyra mythologica do Orpheu. Frei Antonio teimou em não ser bispo. Ao que corre, apenas fez uma concessão, que parece ter de algum modo compensado os desejos de quem pretendia um frade de solidão. O prestigio Pancada, que preferia rechristianisar brancos a baptisar pretos, e que é hoje venerado em culto intimo como eleito do Senhor, apertou com um gesto para Varatojo. N'aquelle alfofre havia quem fôsse capaz de manter com dignidade uma mitra. Consta que a sorte designou frei José dos Corações cuja reluctancia se venceu a custo. Escreveu elle ao Papa, escusando-se, depois de se entender com o celebre lazarista Miel, que durante largos annos dirigiu consciencias na alta sociedade de Lisboa. O Santo Padre não se moveu a rogos e o moço varatojano foi solemnemente sagrado na egreja parochial de S. Julião de Lisboa... Houve muitos que lhe viram as lagrimas rolando pela face, grossas como punhos, ao transpôr os portaes do templo onde se realisou a grandiosa cerimonia...

Em Loanda, o bispo D. José adquiriu renome de li-

beral, em virtude de haver, como presidente da junta governativa da provincia, firmado uma portaria na qual era estabelecido o registo civil obrigatorio para facilitar o recenseamento da população indigena. Quando vagou o patriarchado, pela morte do cardeal D. Ignacio de Moraes Cardoso, que fôra bispo do Algarve, ao tempo em que o padre José Sebastião pastoreava Boliqueime, o bispo de Angola recebeu com surpresa a noticia da sua apresentação na primeira mitra de Portugal. Talvez o *tertius gaudet* n'uma luta de empenhos cada qual mais valioso, — *tertius gaudet* cuja supposta tintura de liberalismo recommendaria ás complacencias do governo! Eil-o, finalmente, em Lisboa, entrando na Sé em magestosa procissão, depois de paramentado na Magdalena. A assistencia era numerosa e brilhante. O mundo official estava representado por muitos d'entre os mais illustres funcionarios.

O novo patriarcha, como é do estylo, saudou os seus novos subditos e com tanta habilidade se houve na eloquente predica que um dos membros do governo ali presentes, estadista insigne, não pôde conter-se que não exclamasse ao ouvi-lo: — Temos homem!

— «O homem — proseguir monsenhor X... diga-se a verdade, doa a quem doer — falhou. Uma vez instalado em S. Vicente, o cardeal patriarcha, a quem nunca sorrira a idéa de ser bispo, quanto mais a de pertencer ao Sacro Collegio, não logrou manter aquelle prestigio indispensavel a tão sublime dignidade. Ao dirigir-se a Roma para receber do Vigario de Christo o chapéu vermelho, diz-se que já pensava em renunciar nas mãos de Leão XIII. Alguem o dissuadiu de tal. Depois foi uma luta homérica, de qua-

si vinte e cinco annos, entre os seus hombros na apparencia válidos e a cruz excessivamente, enormemente pesada para elles. S. Vicente de Fóra deixou de ser a residencia d'um principe para se reduzir a um casarão pouco menos do que abandonado. Par do reino, o cardeal Netto foi o extremo opposto do seu eminente antecessor o patriarcha D. Guilherme. Enquanto este mereceu a presidencia da camara e mais tarde o seu busto de marmore no hemicyclo, D. José III entrou lá apenas, como uma sombra, para prestar juramento, e a sua cadeira esteve deserta, ainda nas horas mais tremendas para a Fé e para a Patria. Capellão-mór do rei, arredou-se systemáticamente do paço. A falta da sua presenca, que poderia ser de tanto lustre e proveito para a Egreja e para a sociedade, fez-se sentir onde era não só desejado mas requerido. Puzeram-se em



A Sé Patriarchal de Lisboa

briga na sua consciencia as claras noções de modestia christã e de categoria social, que um espirito moderno, educado e arguto, saberia delicadamente harmonisar. Re-

putou talvez vaidade mundana o que seria simplesmente a manutenção de prerogativas inherentes ao cargo, tradições inquebrantáveis e regras e hábitos visando todos a um fim superior e transcendente. Assim, a residencia patriarchal, em vez de se transformar n'um centro de atracção e de sympathias, foi esquecendo para uns, volveu-se para outros como que n'um *in pace* tenebroso e enigmatico e, por ultimo, só lá se mostrava quem não podia eximir-se a fazel-o, além d'um restricto numero de pessoas affectuosas ou beatas. Fundamentalmente bom, o cardeal patriarcha revelava-se, com frequencia, um espirito voluntarioso e voluvel. Não media a importancia singular da sua acção, ou alheava-se d'ella, n'um paiz em que a religião do Estado é aquella de cujo sacerdocio elle tinha, entre nós, a representação maxima. Embora intelligente, esquivava-se a exercer o seu papel na engrenagem nacional com a ampla latitude que lhe garantia o seu lugar, e, por isso, não ha razão para que nos admiremos do sr. D. José III não ter conseguido, n'um quarto de seculo, levar a effeito as visitas pastoraes de obrigação a muitas das freguezias do patriarchado.

Os antigos secretarios de sua eminencia, alguns de innegavel valor intellectual e de actividade indiscutivel, diz-se que jámais puderam convencer-o das vantagens do methodo em trabalho de tanta monta como a administração d'uma diocese que é a primeira do paiz. Elle, tão assiduo ao seu breviario e ás suas devoções, tão sabedor e edificante em todos os actos liturgicos — não raro caritativo e abnegado como frei Bartholomeu dos Martyres — collocava n'um plano secundario o que devia ser a base de todo o edificio religioso por cuja integridade lhe cumpria velar com solicitude e carinho. Leval-o a fixar quotidianamente a sua attenção, durante algumas horas, em negocios de expediente e despacho, foi tarefa que ninguem se gaba de ter vencido. De um dos seus secretarios se conta que lhe irrompera, uma vez, pela sala das visitas, onde elle attendia as bagatellas, talvez importunas, de piedosas damas, para que lhe desse immediato despacho a coisas que soffriam com a minima demora. Fez reparo o cardeal, franzindo o sobreceño, e o seu collaborador, sem receio de consequencias, observou-lhe que o serviço da Egreja e

do Estado convinha que estivesse primeiro que o das visitas...

D'aqui o latente divorcio, que era hypocrisia negar, entre a maior parte dos soldados e o seu general. Os chefes, para serem amados, hão de dispôr de qualidades de seducção que escasseavam em D. José III. Por debaixo da sua rudeza e da sua secura, sob a capa de severidade afugentadora que revestia não poucas vezes o acolhimento por elle feito aos seus cooperadores, a quem talvez deixasse de ouvir para escutar apenas os inimigos d'elles, o cardeal patriarcha occultava, sem duvida, thesouros de bondade e intenções verdadeiramente generosas. Mas o *rocó* ou o *tu* paternaes, segundo o coração do superior, se o não parecerem tambem nos seus labios, constituem um vexame que perdura e provoca uma dolorosa exacerbação de espirito nas pessoas cuja sensibilidade não estiver embotada. As admoestações reclamadas pela inobservancia do jugo suave da disciplina devem porventura approximar-se da rispidez altaneira e da crueza plebeia d'um official illetrado e duro como a tarimba d'onde subiu aos aures galões hierarchicos? Salvo o devido respeito e guardada a longa distancia, eis porque de S. Vicente fugia quem devera frequental-o, eis porque não poucos patriarchos, coadjutores e capellães eram, pessoalmente, quasi desconhecidos do seu prelado...



Monsenhor Carlos Rego, o ultimo secretario do em.^o cardeal Netto



Monsenhor Carlos Costa, secretario da camara patriarchal

O meu anonymo interlocutor, a quem não quizera interromper para não quebrar o fio das suas revelações que eu buscava reter na memoria sem perda d'um pormenor unico, assim continuou depois d'uma breve pausa:

«— Cultivada pela imprensa radical, grangeou o cardeal Netto uma lenda de ignorante e de obscurantista que não é facil desfazer, sem embargo dos louvaveis propósitos, que sempre o animaram, de melhorar o ensino ecclesiastico em Santarem e colher fructos d'um pequeno seminario que fundou em S. Vicente e cuja instituição se pode dizer malograda. Um dos processos de obter os recursos necessarios á existencia d'esse seminario foi o da cobrança do terço da binação, tributo a que o prelado sujeitou os sacerdotes a quem facilitava, por falta de clero, a licença de dizer duas missas ao domingo e nos dias santificados, em egrejas diversas. Isto apenas succede nas povoações ruraes. Ha por exemplo capellas que não podem sustentar condignamente um capellão privativo e para que as almas não se-



O em.^o cardeal D. José Sebastião Netto, ex-patriarcha de Lisboa

jam privadas de cumprir o preceito dominical da missa, attenta a distancia da sede parochial, tolera-se o que, em linguagem vulgar, se denominaria accumulação. D'esta arte, o sacerdote celebrante recebe pelo acrescimo do serviço divino uma esmola mesquinha que não bastaria á sua decencia se não tivesse outros lucros, e d'essa esmola contribue com um terço para o prelado, que o applicava ao seu pequeno seminario. Dir-se-ha que tinha o pleno direito de assim proceder, mas confessemos que a derrama suscitou animosidades surdas e até temerarias suspeitas, facilmente evitaveis, se o cardeal patriarcha se impuzesse o dever de publicar as contas annuaes de receita e despesa com esse estabelecimento ecclesiastico de sua fundação, sustentado pelos outros.

que enverga; a purpura é despedido d'uma irmandade de clerigos; como a das chirotecas, que trouxe sobre a Sé de Lisboa o ridiculo que Antonio Diniz immortalizou no *Hyssope*; como a da pastoral das amas e das hostias de pó de arroz e do vinho de maçãs, pastoral que faz lembrar a ingenua prophylaxia d'outra anterior sobre as vantagens dos saquinhos de camphora nos sovacos contra a peste; como a da organização em Lisboa d'uma commissão ecclesiastica de vigilancia para enviar ás congregações vaticanas queixas, reclamações e informes, a proposito do cardeal patriarcha, e cujo dossier apavorou os eminentissimos senhores; como, finalmente, a dos rogos feitos para que de Roma aqui viesse um visitador apostolico verificar com os proprios olhos a anarchia e o cahos ...»



O paço patriarchal de S. Vicente de Fóra

Quantas historias tristes, quantos desconsoladores boatos, quantas affirmações revoltantes não giravam em torno de attitudes como esta! Commentava-se a nimia credulidade concedida ás intrigas das senhoras devotas, armadas nos desvãos das sacristias. Referia-se o esquecimento de comprovados meritos e de serviços relevantes, pelos quaes havia uma indifferença glacial quando não um incompreensivel menosprezo. Commentavam-se levandades que se dizia haver com as informações escriptas, em poucos dias contradictorias, a respeito do mesmo individuo. Via-se com magua o afastamento de sacerdotes que, em razão dos seus talentos e das suas virtudes, pela sua experiencia e pela sua prudencia, estavam naturalmente indicados para formar o estado maior, o *entourage*, a atmosfera prelatia. Falava-se da insignificante conta em que se tinha o illustrissimo cabido, — o conselho nato de sua eminencia que servia para cantar na Sé...

Ora tudo isto eclipsoou qualidades nativas, que, n'outras circumstancias, realçariam; tudo conduziu a essas inconcebiveis questões e, para o mundo descrente, risonhas surpresas, como a de Santa Martha, em que um prelado

— «Os desgostos consecutivos amarguravam a existencia do prelado, — continuou, tristemente, monsenhor X... — A idea da resignação, nunca abandonada, radicou-se-lhe cada vez mais. No paço tinham para com elle mal disfarçadas friezas, desde que se lembrou de pedir um padre-nosso por alma de D. Luiz I, provavelmente no purgatorio, esquecendo que esse suffragio, á beira do real feretro, produzia em certos espiritos o mesmo effeito que, em certos estomagos, o d'um copo de vinho tinto sobre uma taça de champagne. Pois, n'aquelle instante, não era dispensavel o padre-nosso, em seguida a tão solemnes exequias? Em Roma conheciam-no e ainda agora se fala d'um innocente episodio succedido por occasião de ser recebida uma das ultimas peregrinações portuguezas. Foi no anno de jubileu pontificio. Mal começara Leão XIII, nervoso e tremulo, o seu discurso aos estremecidos filhos lusitãos, quando o cardeal Netto lhe impôs silencio, na melhor das intenções, a fim de que sua santidade, não se cansando, se poupasse para as grandes ceremonias do dia seguinte. O

venerando velhinho pôz n'elle os olhos fulgurantes como carbunculos, percebeu tudo e calou-se...

As anedotas identicas sãs innumeras, certamente falsas muitas d'ellas. Dir-se-hia que sua eminencia era bernardo e não franciscano... Toda esta somma de obstaculos, entravando-lhe o caminho e o triumpho, empallidecera esforços baldados como o da creação e manutenção, com exito, da imprensa diaria catholica em Lisboa, e attitudes respeitaveis como a que assumiu perante a questão religiosa a que Hintze Ribeiro procurou uma solução conciliadora. Depois do congresso antoniano, de estereis resultados, que mais vemos a que se ligue o nome de D. José III? As associações sociaes catholicas, como a da moidade e a dos operarios, flores exoticas n'este meio, fundou-as o energico, luminoso espirito que foi Domenico Jacobini, o mais illustre dos nuncios apostolicos que teem vindo a Portugal, após implantado o regimen da Carta... que já deixou de ser regimen. Esse nuncio dizia que ha bons frades que são maus padres e elle sabia o que affirmava. D. José Sebastião Netto parece que se desinteressou sempre d'essas associações, pois que ellas, em seguida à ausencia de monsenhor Jacobini, tiveram uma vida miseravel e ephemera.

Em que se concentrava então a actividade mental do patriarcha de Lisboa? *Chi lo sa!* Em coisas de litteratura e sciencia ecclesiastica, certamente que não. As suas pastoraes, que podiam ser monumentos, se elle, como era accetavel, encarregasse da sua redacção pennas competentes, attestam precisamente o contrario. Sua eminencia ignorava que o seu veneravel e culto collega de Paris, o cardeal Guibert, commettia, sem escrupulo e com avisado timo, essa melindrosa tarefa a monsenhor d'Hulst, seu glorioso secretario... Em coisas de arte, ainda menos. Os soberbos pannos de Arraz do paço patriarchal, e que são d'um valor inestimavel, inspiram compaixão e desafiam revoltas. A casa de campo de Parede demonstra o horror da esthetica. A cumplicidade tacita nas profanações de S. Vicente de Fóra é tambem um depoimento muito desfavoravel. Não tolerou sua eminencia que picassem a frontaria do magestoso templo, arrancando-lhe aquella incomparavel *patine* que lhe dava os mais bellos, fulvos tons de ouro? Depois toda essa fãncaria que atravanca as egrejas,—trapos, flores de papel, imagens grotescas,—o que é tudo isso senão um deploravel testemunho de que o sentimento artistico, que na egreja catholica deve ser refinado e subtil, porque a arte pura é indispensavel à pu-



O em.^{mo} cardeal Vicente Vannutelli, ex-nuncio em Portugal

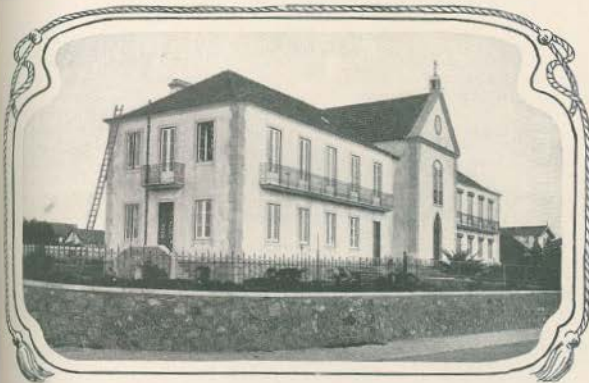
reza do culto, não existia no prelado, a não querermos lobrigal-o nas suas distracções musicas?... »

Monsenhor X... divagava. Entendi chamal-o ao ponto concreto da questão, perguntando-lhe :

—Mas, considerado tudo quanto v. ex.^a tem dito, é natural admittir-se que o cardeal Netto fosse levado pela Santa Sé a resignar?... »

—Não é bem assim,—retorquiu monsenhor.—Espontaneamente, por vezes pediu sua eminencia a Leão XIII que lhe accettesse a renuncia. Depois da morte d'esse chorado Pontifice, accentuou-se aqui a incompatibilidade do sr. D. José Sebastião Netto com parte do seu clero e surgiram

novos embaraços religiosos e civis. O cardeal pediu, formalmente, para Roma, em carta de 11 de setembro de 1904, a sua resignação, indicando até um successor idoneo. Pio X respondia officialmente em 3 de outubro seguinte, manifestando a intenção de não desejar proceder de modo precipitado. O cardeal insistiu junto de monsenhor Merry del Val, em data de 1 de dezembro, pela renuncia do seu onus. A 11 do referido mez voltava à carga, com novas e instantes supplicas. A 18, o secretario de Estado respondia-lhe, recordando que era necessario, antes do mais nada, descobrir successor. Consecutivas crises ministeriaes e a doença e morte do nuncio, monsenhor Macchi, retardaram as negociações



A casa de Parede, propriedade e residencia de verão do em.^{mo} cardeal Netto

entre a Santa Sé e o governo portuguez, mas, concluidas ellas este anno, e achado um successor no archiepiscopo-bispo do Algarve, foi notificado ao cardeal Netto, a 13 de julho, que a resignação tantas vezes supplicada se ia effectivar. Aqui esboçou-se a tragedia. O cardeal, protelando a apresentação ao governo de Lisboa do documento da renuncia, ora se congratulava com a sua proxima sahida d'um logar onde sempre se sentira deslocado, ora manifestava, ainda que protestando a sua plena sujeição ás «venerandas ordens» pontificias, desejos de não abandonar S. Vicente... As negociações estavam, porém, concluidas, e o Papa reputou um lamentavel desaire e anteviu uma séria complicação no facto de recuar, quando se havia chegado a um termo que o patriarcha lisboense fôra o primeiro a ambicionar com ardor... Como se explica a sensacional reviravolta? Surgira o dia 9 de agosto, anniversario vigesimo quarto da entrada de sua eminencia em Lisboa.

Os seus reduzidos affeições prepararam uma cerimonia na Sé e uma recepção em S. Vicente, como inicio de festas jubilaes. Ainda n'essa recepção, o cardeal patriarcha deu a entender claramente a sua retirada proxima, como, em occasiões anteriores, manifestara a amigos e a conhecidos a sua ardente vontade de se ir embora. Travou-se, então, por parte de quem, provavelmente, tinha interesse em conservar sua eminencia em S. Vicente, uma campanha de protestos de amor filial e de supplicas para que o prelado desistisse da sua renuncia. Commoveu-se — consta — o sr. D. José, se bem que essa corrente de opinião favoravel á sua permanencia fosse artificial, — como os factos subsequentes vieram demonstrar. D'ahi as evasivas, os combates intimos, a velha volubildade resurgindo, a voluntariedade antiga desaparecendo, — e o cardeal fazendo negações, sem apresentar ao governo o documento official da sua resignação, como promettera. As negociações fechadas pelo gabinete portuguez sob a fé da palavra cardinalicia tornaram-se publicas em carta regia e ha quem diga que, ao lê-la, D. José III soltara um fundo suspiro de extraordinario allivio. Não apresentando o papel com a supplica da resignação ao padroeiro, — fora coherente com a doutrina que defendera sempre nos seus pouco numerosos escriptos e em que condemnou com vehemencia a intromissão do poder civil nos negocios espirituaes. Da jurisdicção religiosa desligara-o quem, segundo a sua consciencia, tinha a auctoridade legitima para fazel-o, embora com o previo assentimento do poder civil que nunca, como n'este caso, melhor se entenderam com a Santa Sé...

Calou-se, visivelmente fatigado, monsenhor X... e, aproveitando o seu silencio, interroguei-o sobre quem lucrara com a renuncia do patriarcha de Lisboa. Illuminou-se-lhe o rosto de manifesto entusiasmo e o velho sacerdote, sorrindo, exclamou com voz vibrante:

— «Todos. O cardeal Netto primeiro do que ninguém,

porque vê satisfeitas as suas aspirações de repouso, bem merecido, no canto da sua casa ou na cella do seu convento, depois de se libertar do peso d'uma cruz para cujo transporte nunca soube aproveitar o auxilio d'um bom Cyreneu... A egreja lisboense, a cuja frente vae ser collocado um homem que de ha muito deu provas da sua alta capacidade intellectual, do valor do seu caracter, da pureza da sua piedade e da comprehensão nitida do que deve ser um prelado nos tempos calamitosos que vamos atravessando. O Estado, porque no sr. D. Antonio Mendes Bello terá um cooperador valioso, sem quebra de dignidade para qualquer d'elles...

— «E Vannutelli, o cardeal Vincenzo Vannutelli? — arisquei eu, intencionalmente...

— «Olhe, meu amigo, replicou monsenhor, com uma pontinha de contrariedade, pôde crer, se isso lhe apraz, nas velhas historietas galantes em que a esse purpurado

a má lingua e o soalheiro fidalgo attribuiram, sem pejo, o papel de protagonista, mas rogo-lhe que não acredite na intervenção do antigo nuncio em Lisboa n'este deploravel assumpto da resignação de D. José III. O odio de padre não causa, — diz-se. Vicente Vannutelli, a quem Pio X conferiu ainda ha pouco a delicada, espinhosa, diplomatica missão de seu cardeal legado no significativo congresso eucharistico de Metz, parece-me, todavia, homem demasiado grande e generoso para, ao cabo de tantos annos, se vingar de uma problematica affronta ou tirar desfora d'uma ridicula má vontade. Sabe — concluiu monsenhor X... —, pondo fecho á palestra — ainda lhe não disse tudo. A sciencia, o progresso, a nossa commodidade, a sua, a minha, a de todos, lucram tambem com a mudança de cousas em S. Vicente de Fóra...

— Como assim?

— E' profundamente exa-

cto. Com o novo patriarcha, o telephone, esse diabolico apparelho, que os jesuitas não receiam ter em Campolide, nem os missionarios do Espirito Santo na rua de Santo Amaro, nem ainda os frades menores na travessa da Amoreira, vae instalar-se no vetusto mosteiro dos conegos regnantes de Santo Agostinho, — a residencia patriarchal onde nunca o timbre irreverente d'uma campainha electrica acordou o socego das salas em que deambulavam espectros em vez de trabalharem homens...

Ao retirar-me, considerando o velho padre meu amigo, de alma tão juvenil e de cerebro tão arejado, eu comprehendi melhor do que nunca o facto de nos Estados-Unidos fazer progressos o catholicismo e se registarem, diariamente, dezenas de conversões. E' que na America ha bispos como os Gibbons, os Ireland e os Spalding e o clero aprecia as vantagens do telephone, apparelho symbolico da actividade febril da nossa época e apenas detestado onde a religião reveste a immobildade do fakirismo indiano...

AVELINO DE ALMEIDA.



O sr. D. Antonio Mendes Bello, archiepiscopo-bispo do Algarve, patriarcha eleito de Lisboa

THEATRO

A REVISTA 'O' DA GUARDA!' NO PRINCEPE REAL



Quadro novo da Revista 'O' da guarda! — Companhia das Agnäs



Apotheose final do 2.º acto. — Grandes inundações

(CHICHES CARDOSO & CORREIA.)

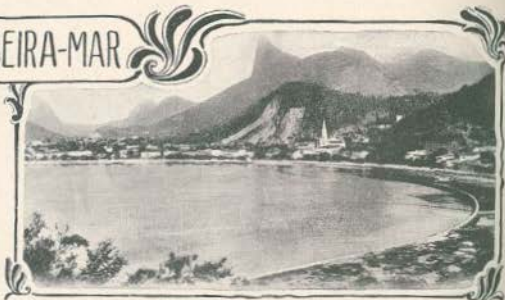
AS MARAVILHAS DO RIO DE JANEIRO

A AVENIDA Á BEIRA-MAR

Um dos primeiros passeios a que o forasteiro é convidado, ao desembarcar no Rio de Janeiro, é o de Botafogo, ponto terminal d'essa obra de arte magnífica, hoje universalmente conhecida com o nome de Avenida à Beira Mar.

Sigamos de electrico qualquer das duas ruas esplendidas, edificadas de palacetes e embalsamadas de jardins, que ligam o Catete á praia de Botafogo. Ao chegar á enseada tem-se a impressão de um lago cercado de montanhas viridentes, porque no ponto em que sahe o electrico não se descobre a comunicação das suas aguas com a bahia. O principal vulto á esquerda é o morro da Viuva, nó de granito entre as praias do Flamengo e de Botafogo. Por detraz d'elle passa a Avenida, fugindo ás difficuldades de contornar a rocha, que é talhada a pique sobre o mar.

Na frente está a montanha da Urca e, excedendo-a em altura, o cume do Pão de Assucar. Mais para o sul, á direita, outra pedra enorme, a Babylonia, fecha o semi-circulo do horizonte para quem chega a Botafogo. De 1587 a 1580 a enseada chamou-se de Francisco Velho, nome do primeiro portuguez que ahí levantou casa e lavrou terra. Datam de quatro annos apenas as obras monumentaes que cingiram a praia de uma solida muralha de mil e



A enseada de Botafogo em 1903

quinhentos metros em toda a curva, delineando sobre aterros consideraveis a prolongação da Avenida à Beira-Mar, guarnecida de amplíssimos jardins, iluminados a luz electrica e onde se construíram *bars*, pavilhões de regatas, theatros para creanças e cafés concertos. Largas ruas macadamizadas serpenteam a superficie dos jardins, que dividem, em quasi toda a extensão da immensa curva, o caminho de transito commum da avenida do passeio. A cinta de 53 metros de largura, guarnecida de um parapeito de cantaria, e que a paizagem dos jardins separa do grande movimento, é, sem duvida alguma, um dos primeiros logradouros urbanos do mundo inteiro, desdobrando ante o transeunte o mais maravilhoso espectáculo que uma imaginação possa conceber.

Ao oriente da mansa toalha de aguas ergue-se o Pão de Assucar e ao occidente o dorso verde do Corcovado.

Ao sul levanta-se a pesada montanha da Babylonia, que nos separa das praias formosissimas da Copacabana. Circulo immenso de rochas, amphitheatro de granito em cujos degrãos mais altos se sentam arvores de todos os matizes, esse panorama tropical de floresta virgem emoldura a avenida mundana onde ás tardes rolam, em ondas incessantes, os automoveis e os trens de luxo. O tempo creará, sem duvida, a esse passeio incomparavel, a fama universal que, elle merece. A Avenida à Beira-Mar será os Campos Elyseos d'esse Paris da America, que em breve será o Rio de Janeiro.



A enseada de Botafogo em 1907



Trecho da Avenida à Beira Mar, em Botafogo

Ao fundo, o morro da Viúva, em frente ao qual a avenida se dirige, n'uma extensão recta, até à margem da bahia, que acompanhará até ao caes Pharoux



Troço da Avenida à Beira Mar, em Botafogo

Em um extremo d'este troço da maravilhosa avenida, entre a entrada e o mar, que ficou localizada a principal Exposição Nacional de 1908

O tumulo do Prior do Crato D. frey João Coelho.



O mosteiro de Leça do Balio

ESTE monumento sepulchral existe na igreja do antiquissimo e historico mosteiro afortalezado de Santa Maria de Leça do Balio, situado a seis kilometros e meio ao norte do Porto e outr'ora pertencente aos cavalleiros hospitalarios de S. João de Jerusalem, mais vulgarmente conhecidos pelo nome de «Cavalleiros de Malta».

Está na lendaria capella de N. S. do Rosário ou «do Ferro» que Arnaldo Gama tanto celebrou no seu romance *O Balio de Leça*, ao lado da Epistola e sob um arco que ali occupa quasi toda a parede.

O tumulo é todo lapidado em pedra d'Ança e tem a forma d'uma arca.

A sua importancia resulta-lhe mais do personagem illustre para que foi destinado, da historica familia de que elle

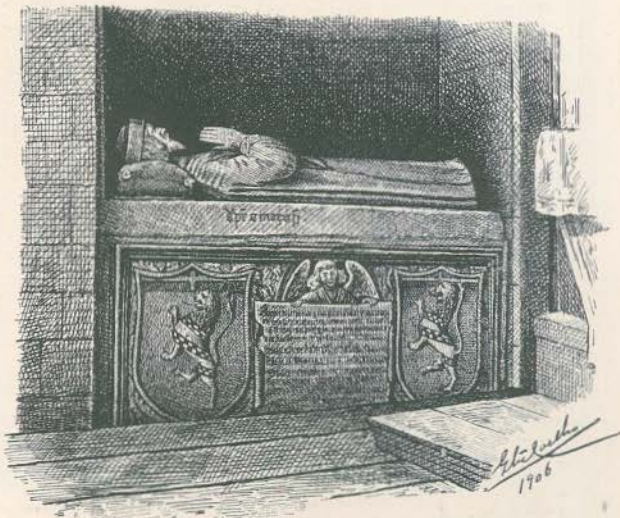
proveiu e inda d'aquella que n'elle tomou origem, do que da sua riqueza ou valor artistico.

Sobre a tampa do sepulchro vê-se estendida a todo o comprimento e com a cabeça repousando n'uma singela e grossa almofada a figura de um homem de pouco mais de meia idade, de estatura elevada, fronte larga, nariz levemente aquilino, cabellos compridos e cortados segundo o uso da epoca ao nivel do pescoço, barba crescida e ponteguda, magro e espadado, com as mãos erguidas sobre o peito e vestido com o habito talar e claustral dos cavalleiros hospitalarios: uma longa tunica com comprida garmacha sobreposta, tendo a tunica a meio do peito uma grande cruz otrogana de oito pontos da Ordem de Malta.

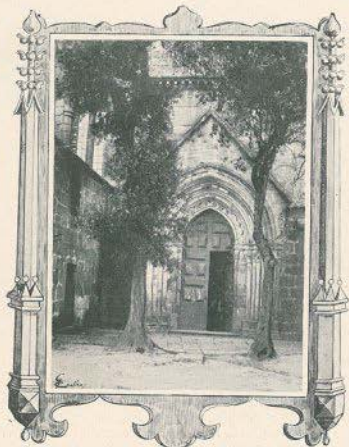
Sobre a cabeça um gorro ou barrete redondo, com palla deanteira e sobrenuca levantadas e sem bordado nem emblema de especie alguma.

O tumulo tem de comprimento 1^m,80, por 0^m,80 de largo, e na frente da tampa apenas tem gravada em caracteres gothicos esta inscripção: D.^o pr. o moco fj.

A face da frente da arca é esculpura. Por entre lavrados de folhagens, cardos e flores, apparece a figura de um anjo com os cabellos soltos cingidos em



Tumulo do prior do Crato no mosteiro de Leça do Balio



Mosteiro de Leça do Balio (porta do lado sul)

volta da cabeça por uma cinta presa a meio da testa por uma simples cravação.

Das mãos do anjo desprende-se o seguinte epitaphio, evidentemente posterior á feitura do tumulo:

Aqui jaz o Manifico e R.^{do} S.^o D^o Frey Jo. Coelho. Prior. q. foy. do Crato, Cacerel. Moor de Rhodes et Baillo de Negropôte, do Cöselho d.El-Rey et Comedador. de Leça et da Guarda. d.Elvas, ao qual Nôso S.^o por sua sãta paixão et rogos de Nossa Senhora sua Madre Lhe queira perdoar seys pecados. Amen ✠. Faleceo da Vida d.este Mûdo a XXVJ Dias de Novembro de 1515 a.*

A' direita e esquerda do anjo acham-se cravados, sobre folhagens e cardos, dois escudos em cada um dos quaes se vê em campo d'ouro um leão rompente de vermelho faixado com tres faixas enxadrezadas: Uma pelos peitos e outra pela anca, de azul e ouro, — e a terceira pelo ventre, de vermelho e prata. Em chefe uma cruz de prata em campo vermelho, distinctivo usado pelos commendadores de Malta (*).

Estes dois escudos ainda ha pouco pa'enteavam apagados vestigios dos metaes e côres com que outr'ora eram pin ados.

São as antigas armas dos *Coelhos*, que Egas Coelho usara e a que os seus descendentes de Castella accrescentaram a divisa «Audeo», e uma bordadura azul com cruces de ouro como as de Alcantara, — e os de Portugal tambem modificaram nas côres e metaes addicionando-lhe uma bordadura azul com sete coelhos de prata malhados de preto e a legenda: *Nos a sanguine Regum venimus, & nostro ventunt a sanguine Reges.*

Ignora-se quem fosse o escultor do tumulo, todavia Velho de Barbosa na sua *Memoria Historica do Mosteiro de Leça*, pag. 61, opina, baseando-se para isso n'uma passagem de *Historia Seraphica*, liv. X, cap. 44, pag. 81, que devia ter sido Diogo Pires, filho de outro de igual nome, insigne escultor residente em Coimbra nos fins do seculo XV, — e a propria qualidade da pedra de que é feito o sarcophago induz-nos e reforçamos n'essa origem.

O que parece indubitavel é que o mesmo escultor que fez o tumulo foi tambem aquelle que executou o elegante e bello cruzeiro que está proximo da igreja e a formosa pia baptismal que se encontra encostada á parede por detraz da porta principal do templo.

Em todas estas tres obras d'arte se divisa uma simultanea repetição de motivos; mas na pia baptismal é mais de notar a semelhança dos anjos que seguram os escudos d'armas com o que enpunha o epitaphio da sepultura.

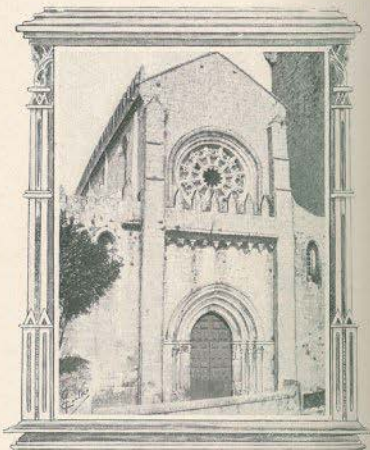
O cruzeiro é de pedra d'Ança. A meio da columna tem um anel redentado tanto na parte superior como inferior em torno do qual se lê esta inscripção em caracteres gothicos da mesma especie dos da assignatura do tumulo: **o prior do Crato d^o frey Jobã Coelho e mandou fazer na era de mil V^o X3333.**

No reverso da cruz, no ponto onde os braços se cruzam com a haste, tem esculpida a cruz otrogana de Malta. Na frente tem a imagem do Crucificado e no ponto de junção da cruz com o capitel da columna vê-se cravado o braço d'armas dos «Coelhos» exactamente igual ao do tumulo.

A pia baptismal é tambem lavrada em pedra d'Ança e de forma octogonal. Em uma das faces tem gravada em caracteres gothicos semelhantes aos do cruzeiro a inscripção **O prior do Crato**; a seguir e na outra face as armas dos «Coelhos» eguaes ás do tumulo e do cruzeiro; — a seguir, e na face immediata **d^o frey Jo Coelho**; na face seguinte novamente as armas; — depois a continuação da inscripção: **a mandou fazer**; e logo apoz esta, outra vez o braço d'armas que em todos os pontos é sustentado por ou ros tantos anjos eguaes aos do sepulchro. O resto da inscripção não é possível vêr-se, por ser d'esse lado que a pia se acha encostada á parede.

Todas estas tres obras de escultura eram credoras da maxima attenção e cuidados. Infelizmente nada d'isso succede. Jazem em tanto abandono, como o interior e exterior do templo e demais dependencias do formoso e historico mosteiro.

Especialmente o tumulo, parece que se tornou de ha



Frontaria da igreja do mosteiro de Leça do Balio

(*) Genouillac — Art heraldique.

em tempo para cá o preferido pelos visitantes para se escreverem e gravarem á vontade e impunemente, aproveitando-se da molleza da pedra, os seus nomes, appellidos e datas da visita.

Costa a crer que não haja quem obste energeticamente a um tão censuravel como criminoso abuso!

Vejamos agora a genealogia do cavalleiro representado e sepultado no túmulo.

Pero Coelho, descendente directo de D. Egas Moniz de Riba Douro, o celebre ayo de D. Affonso Henriques, 6.º senhor dos paços e quinta da Coelhoa, em Sinfães, das Honras de Cidadelhe, Sousa, Painçais e Freixo e das quintas de Castellões, Bayrão, Parada, Xadroses, Carapeços e Gondomar, rico-homem, do conselho do rei D. Affonso IV e seu privado, um dos cavalleiros que D. Pedro I mandou matar implicando-o no assassinato de D. Inez de Castro, houve de sua mulher D. Aldonza Vasques de Pereira dois filhos: Gonçalo Coelho, senhor de Felgueiras e Vieira, e Egas Coelho.

Egas Coelho, cavalleiro de bem mais nomeada que o irmão primogenito, acerrimo partidario do Mestre d'Aviz e um dos que o aclamaram rei de Portugal nas cortes de Coimbra, foi mestre-sala de D. João I, senhor da villa de Miranda e seu termo, Bemviver, Linhares e Folgoso e dos direitos de Vallongo, Jernello, Poentes e de metade de Val-de-Vez. Entrou nas batalhas de Trancoso e Aljubarrota, e n'esta ultima não só fez prisioneiro seu primo Diogo Alvares Pereira, irmão do Condestavel D. Nuno, mas tambem, conjunctamente com João Fernandes Pacheco, socorreu o rei D. João I com 60 lanças e 100 peões escudados.

Mais tarde, por desgostos com D. João I, que por conselho de D. João das Regras o privou das suas terras e senhorios remindo-lh'os a dinheiro, abandonou Portugal, e passando a Castellaahi se collocou ao serviço de D. Henrique III, que o fez senhor do Castello de Villa de Montalvo e dos dominios de Elhito e Palmiches. Era trovador, e assim é de presumir que fizesse elle o auctor das duas bem conhecidas trovas

que Leitão d'Andrade nos transcreve na sua *Miscellanea*.

Egas Coelho casou duas vezes: a 1.ª em Portugal com D. Maria Gonçalves, filha de Gonçalo Vaz Coutinho, copeiro-mór de D. João I, capitão-mór de Trancoso e progenitor dos condes de Marialva e outras familias illustres; a 2.ª em Castella com D. Leonor Affonso, filha de Affonso Lopes Pacheco, commendador-mór de Alcantara, de cujo enlace proveu a illustre casa dos condes de Montalvo, senhores de Elhito, Valmelero, Montealegre, Villarejo e Palmiches, de que ainda existem descendentes em Hespanha e um ramo em Portugal desde o tempo de D. João III.



Fra baptismal do mosteiro

Do 1.º matrimonio provieram os seguintes filhos: Pero Coelho, Aldonza Coelho, mulher de um dos senhores de S. João de Rey, e Margarida Coelho, casada com seu primo João Gomes da Silva, 2.º senhor de Vagos e alcaide-mór de Montemor-o-Velho.

Pero Coelho, o primogenito, seguiu o partido do infante D. Pedro na lide de Alfarrobeira, mas sendo perdoado por D. Affonso V passou á Africa e lá morreu

no cerco de Tanger. Do seu casamento com D. Ignez de Athayde, irmã dos cavalleiros de Malta D. Frey Vasco e D. Frey João de Athayde, nasceram os seguintes filhos:

Egas Coelho, capitão de uma das ilhas adjacentes e progenitor da família «Coelhos da Ilha de Maio»;

Gonçalo Coelho, cavalleiro da casa d'El-Rei D. João II, escrivão dos coutos de Lisboa e marinheiro distincto a quem D. Manuel encarregou em 1501, e ainda em 1502 com o piloto florentino Amerigo Vesputio, de ir explorar e collocar padrões nas costas do Brazil;

Nicolau Coelho, illustre navegador que acompanhou Vasco da Gama de quem era grande amigo, na descoberta da India, e o primeiro que em 20 de julho de 1499 trouxe ao rei D. Manuel a noticia d'aquella descoberta, cujo motivo recebeu o habito de Christo, um juro de duzentos mil réis e uma mercê de braço d'armas especial. D'elle proveiu a família «Coelhos da Costa», estribeiros-móres da Rainha.

Finalmente, *D. Frey João Coelho*, 14.º prior do Crato, em cujo cargo e dignidade succedeu em 1508 a D. Diogo d'Almeida, filho do conde d'Abrantes, chanceller-mór de Rhodes, bailio de Negroponte, commendador de Lango e Leça, Elvas, Landal e Guarda e valoroso cavalleiro que assistiu ás tomadas de Arzilla e Tanger em 1471 e á batalha de Toro em Castella em 1476. Foi uma vez a Rhodes com D. Diogo d'Almeida em soccorro contra os turcos, e em 1466 achou-se em Roma no capitulo geral da Ordem de Malta co-

mo procurador dos cavalleiros hospitalarios portuguezes

De D. Frey João Coelho e de D. Margarida Alvaes, dama nobre e solteira, foi filho Francisco Annes Coelho, anadel-mór de espingardeiros que assistiu ás tomadas de Azamor, Çafim e Mazagão, e que D. Afonso V, pouco

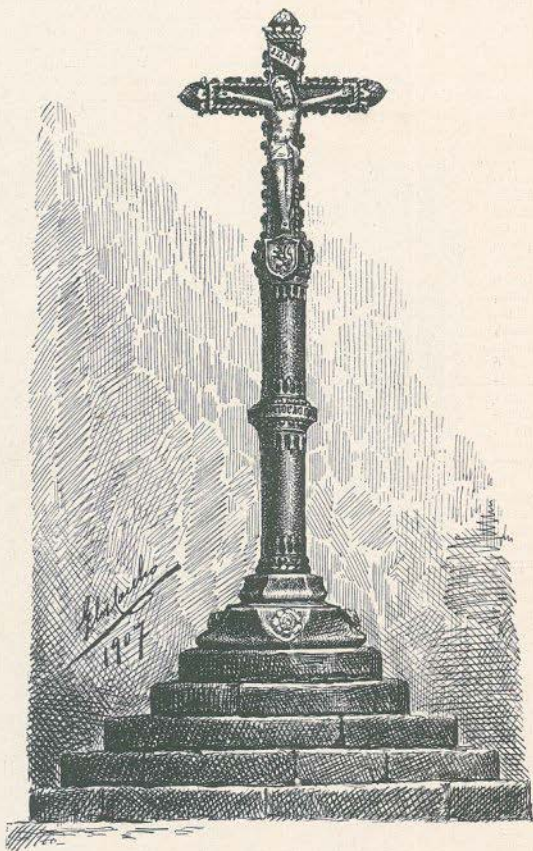
antes de morrer, legitimára em 21 de junho de 1481, a pedido do pae e quando este ainda era commendador de Leça, D'elle proveu a família «Coelhos de Sines».

Francisco Annes casou com D. Anna Soares, filha de Payo de Freytas, anadel-mór de besteiros, e d'elles foi 4.º neto Antonio d'Albuquerque Coelho, alcaide-mór de Sines, commendador de Christo, 1.º senhor do couto de Outil, donatario das capitancias de Alcantara e Camuita, com 50 leguas de costa, no Maranhão, e governador de Minas Geraes, Maranhão e Angola; e 5.º neto Francisco d'Albuquerque Coelho de Carvalho, moço fidalgo da rainha D. Maria Anna d'Austria, senhor da casa e bens de seu pae, alcaide-mór de Sines e governador do Maranhão.

Em Francisco de Albuquerque Coelho acabou a varonia d'esta casa, pois que

tendo casado com D. Thereza de Lencastre, filha de Diogo Correia de Sá, 3.º visconde d'Asseca e neta de Luiz Cesar de Menezes, alferes-mór do reino, d'elles nasceu uma só filha: D. Ignez d'Albuquerque Coelho e Lencastre, que foi herdeira de toda a casa e bens de seus paes.

J. J. GONÇALVES COELHO.



Cruzeiro do mosteiro



A GRANDE ORCHESTRA PORTUGUEZA



Grupo de executantes com o director sr. Miguel Angelo Lambertini

O segundo concerto da grande orchestra portugueza, que se realizou a semana passada, e em que se cantou uma das mais perfeitas obras symphonicas de Beethoven, além de outros trechos musicas escolhidos com

indiscutivel gosto, constituiu uma bella e esplendida festa artistica, pela qual o sr. Lambertini, seu illustre iniciador, merece os mais vivos agradecimentos de todos os amadores.



VIDA MILITAR

AS NOVAS VIATURAS MILITARES

Na esplanada do quartel de artilheria realizou-se uma exposição das novas viaturas militares, que foi visitada por el rei e pelo príncipe real.

A Illustração Portuguesa



publicou já, quando se realisaram as respectivas experiencias, em agosto passado, algumas photographias dos novos carros destinados aos diversos serviços auxiliares em campanha, acompanhados de uma ligeira noticia, que hoje completaremos.

O antigo material que o nosso exercito possuia, para serviços de transportes e sanitarios em campanha, era todo obedecendo a modelos



O tenente coronel Caldeira mostra a El-Rei o carro de ferramenta da cavallaria—El-Rei e o Príncipe Real examinando a nova meza de operações do posto de soccorros—El-Rei, os ministros da guerra e da marinha e o general Honorato de Mendonça vendo o carro de munição da infantaria—El-Rei, n'um grupo de officiaes



serviços de transportes, quer nos sanitarios, e presidirem á sua construcção. Ambas estas commissões trabalharam com disvelo, e na Fabrica d'Armas, onde os novos vehiculos foram todos construidos, empregaram-se egualmente taes esforços que em menos de oito mezes puderam executar-se quatrocentas viaturas, cujas experiencias deram, como na occasião dissémos, o mais lisonjeiro resultado, e das quaes agora se realisou a exposição, em que figuraram dois exemplares de cada tipo.

Tanto os carros de munições, viveres, ba-



velhos e abandonados, que de nenhuma forma podiam corresponder actualmente ás necessidades que eram destinadas a satisfazer. Além de pouco e insufficiente, o que havia não podia ter nenhuma utilidade pratica, e, por isso, tratou-se de preencher a lacuna existente, nomeando commissões especiaes para estudar novos modelos de viaturas, para serem empregadas quer nos



gagens, forragens, ferramentas, como os outros pertencentes aos serviços da administração militar, apresentam as mais vantajosas condições; mas são, principalmente, as viaturas destinadas aos serviços de saúde, — carros de macas, de transporte de feridos, de pharmacia, de cirurgia, como tenda do hospital de sangue, — que mereceram os mais completos elogios, sendo alguns considerados pelos technicos como não tendo rival em qualquer exercito do mundo.

(CLICHÉS DE BESNOLIEL)

El-Rei felicitando o tenente medico Julio Dantas—O carro sanitario regimental do novo modelo—A nova meza de operações dos hospitais de sangue, armada diante de El-Rei—O tenente coronel Caldeira, director da Fabrica d'Armas, mostra a El-Rei o carro-correio—O carro de transporte de feridos e o fourgon tenda do novo modelo (carros sanitarios)

THEATRO

O "JUDAS,, EM D. MARIA

Peça em 3 actos do sr. Augusto de Lacerda representada pela primeira vez em 20 de novembro de 1907



Scena final do primeiro acto



Uma scena do terceiro acto

NÃO COMPREM NENHUMA SEDA

Sem pedir antes as amostras das nossas altas novidades garantidas e solidas. Especialidades: **estofos de sedas para tapetes de casamento, de baile, de 'soirée' e de passeio**, bem como para **bussas, forros**, etc., em preto, branco e cor, do 1 fr. 20 a 18 fr. 50 o metro. Vendemos **directamente aos particulares** e enviamos aos domicílios **francos de porte**, os estofos escolhidos.

SCHWEIZER & C.^a
LUCERNE Z. 20 **• SUÍÇA**
Exportação de sedas



Seios

Desenvolvidos, reconstruídos, almofadados, fortificados com **as**
Pilulas Orientaes

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar damno algum á saúde. Aprovado pelas notabilidades medicas.
J. Raté, Ph. 5, Passage Verdau, PARIS. Frasco com instrucções, **1\$500 rs.** Franco para vale do correio, enviado a **J. P. Bastos & C.^a, 39, R. Augusta, LISBOA**

Companhia
***** DO *****

Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada
Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobreirinho (Thomar), Feneo e Casal d'Hermio (Lousã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). **

** Escriptorios e depositos **
LISBOA—270, Rua da Princeza. 276
PORTO—49, R. de Passos Manuel, 51

Ender. telegr.: Lisboa, Companhia Prado, Prado—Porto—Lisboa. N.º telephon. 508

VIVITZ
LT. PIVER

PARIS
Essence Savon Poudre de Riz
Lotion Sachets

MADAME BROUILLARD



Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete 43, Rua do Carmo, 43, sobre-loja. Consultas a 1\$000 reis. 2\$500 rs. e 3\$000 reis.

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard.

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: e incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, phronologia e physiognomia e pelas applicações praticas das theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenligny, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathetoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. *****

43, Rua do Carmo, sobre-loja

***** LISBOA *****

NOUVEAU PARFUM
PRINCIA VIOLET
29, B^{is} des Italiens, PARIS



PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES — FORNECEDORES da CASA REAL

SABÃO REAL
DE
THRIDACE
PARIS Sabão "Veloutine"
Recom. pelos medicos p^a Hygiene da Pele e Aliviar do Eczema.

Gaston Lot

PROTHESE DENTARIA

Extracção do dentes sem dor desde 500 rs. Colocação de dentes desde 1\$000 reis.

Consultorio chirurgico-dentario, R. das Chagas, 42, 1.º (Ao Calhariz)
TELEPHONE 1.882

Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Ametis e alfinetes a **500 rs.**, broches a **800 rs.**, brincos a **4\$000 rs.** o par. Lindos collares de perolas a **4\$000 rs.** Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. **Não confundir a nossa casa.** (Junto ao elevador) **LISBOA**

Almanach Bertrand

PARA 1908

Este almanach, unico no seu genero em lingua portugueza, não é apenas um livro de recreio, requintadamente artistico, é tambem uma encyclopedia valiosissima, pois, além de anedotas ineditas, versos, curiosidades, passatempos e indicações uteis, contém numerosos artigos, facilmente comprehensíveis, que se prendem com quasi todos os ramos do saber e da actividade humana. É um livro recreativo, mas instrutivo

A MAIS BARATA E UTIL PUBLICAÇÃO PORTUGUEZA

Um luxuoso volume com cerca de seiscentas paginas de texto, mil gravuras, capa e frontespicio a cores

Brochado, 500 réis Cartonado, 600 réis
em marroquim, 1\$000 réis

NO BRAZIL, MOEDA FRACA:

Cartonado, 3\$000 rs.; em marroquim, 5\$000 rs.

Coordenado por FERNANDES COSTA

9.º anno de publicação

Collaboração dos mais notaveis escriptores. Esplendidas gravuras. Reproduções de trabalhos de eminentes artistas nacionaes e estrangeiros

ctivo tambem, aprazivel, ligeiro e insinuante, recommendando-se, principalmente pela leveza e pela variedade dos assumptos.

Da parte artistica, basta dizer que contém cerca de mil gravuras, entre as quaes verdadeiras obras primas. A sua collaboração é, como sempre, escolhidissima, o que tudo explica o facto de todas as suas edições se terem exgotado rapidamente.

A' venda em todas as boas livrarias

***** PEDIDOS Á *****

Antiga casa Bertrand

José Bastos & C.ª, Livreiros — Editores

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA — SUCCURSAL: RIOCI, 27

NOVIDADES LITTERARIAS

COLLECÇÃO POPULAR

I—A MULHER DO FOGO, por Adolpho Belot.

II—A MULHER DE GELO, » » »

III e IV—A FILHA DO CARDEAL, por Felice Guzzoni.

V e VI—O SANTO, por Antonio Fogazaro.

VII—No EXILIO, por Tony Révillon.

NO PRÊLO

VIII—OS CASAMENTOS DE PARIS, por Edmond About.

IX e X—O FILHO DA VOLUPIA, por G. d'Annunzio.

XI—A FILHA DO MAR, por René de Saint-Cheron.

XII e XIII—AS VIRGENS SOLITARIAS, por Pascal Forthun.

Estes volumes são de 200 paginas approximadamente, com lindas capas a chromo ao preço de 200 réis.

DIVERSOS

A VERDADE, por Emile Zola, um grosso volume de 600 paginas. 1\$000

O HOMEM, a sua estrutura em cinco chromos sobrepostos, com texto illustrado, em portuguez, pelo Dr. Ardisson Ferreira, medico 1\$000

UM CORAÇÃO SENSIVEL, contos por Thomaz Lopes..... 600

AMOR OU FARDA, romance contra o militarismo, por Alfredo Gallis..... 600

NO PRÊLO

DE PARIS AO BRAZIL POR TERRA, viagem maravilhosa, por Louis Boussebard..... 500

VIRGENS E PECCADORAS, por Emile Zola e Catulle Mendès..... 300

PARA ABRIR CAMINHO NA VIDA, por Silvain Rondès..... 500

COMO AS MULHERES CAEM, trechos dos mais notaveis escriptores europeus..... 600

OS QUATRO REIS IMPOSTORES, romance por Marcellino de Mesquita..... 1\$000

Pedidos á ANTIGA CASA BERTRAND—73, Rua Garrett, 75—LISBOA—Succursal: RioCI, 27

Encyclopedia Universal Illustrada

EDIÇÃO «ESPASA» DE BARCELONA

A mais completa, economica e ricamente illustrada encyclopedia do mundo

***** COLLABORAÇÃO MUNDIAL *****

10.000 biographias rigorosamente ineditas. 100.000 palavras só na letra A

Etymologias: sânscripito, hebreo, grego, latim, árabe, linguas indigenas, americanas, etc. Versão da maioria das palavras em Francez, Italiano, Inglez, Allemão, Catalão, Portuguez e Esperanto.

Cada tomo semanal de 80 paginas ou o seu equivalente 200 réis. Os tomos, alternada-

mente compõem-se de 7 folhas de 8 paginas, 2 gravuras impressas em separado em negro e um rico mappa a cores; ou então de 6 folhas de 8 paginas, 2 gravuras em negro impressas em separado e uma preciosa cromolytographia. No Brazil cada tomo 1\$000 réis.

***** VEJAM-SE OS ALBUNS SPECIMENS *****

Representação exclusiva em Portugal e Brazil: ANTIGA CASA BERTRAND—73, Rua Garrett, 75—LISBOA